

# A BÍBLIA



  
Paulinas



A *cruz* sintetiza a fé em Jesus Cristo, que, em razão de sua vida, foi morto e ressuscitado. A *chama* simboliza a vivacidade do Espírito Santo e expressa o dinamismo vital da esperança cultivada pela fé. A *cruz e a chama*, unificadas, convidam a entrar no caminho de Jesus Cristo e a testemunhar a luz e a esperança de vida em abundância para todos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A Bíblia : edição sua fonte de luz / São Paulo : Paulinas, 2024.  
1984 p.

ISBN 978-65-5808-305-4

1. Bíblia

24-4081

CDD 220

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia

1ª edição – 2024

### **Nihil obstat**

*Dom Pedro Carlos Cipollini*

BISPO DIOCESANO DE SANTO ANDRÉ, SP  
PRESIDENTE DA COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL  
PARA A DOCTRINA DA FÉ  
BRASÍLIA, 07 DE FEVEREIRO DE 2023

### **Imprimatur**

*Dom Walmor Oliveira de Azevedo*

ARCEBISPO DE BELO HORIZONTE, MG  
PRESIDENTE

*Dom Joel Portella Amado*

BISPO AUXILIAR DE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, RJ  
SECRETÁRIO GERAL  
BRASÍLIA, 17 DE FEVEREIRO DE 2023

### **Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62  
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)  
Tel.: (11) 2125-3500  
editora@paulinas.com.br  
© Pia Sociedade Filhas de São Paulo  
São Paulo, 2023  
Todos os direitos reservados



Cadastre-se e receba nossas informações  
paulinas.com.br  
Telemarketing e SAC:  
0800-7010081

# APRESENTAÇÃO

A leitura e escuta atenta da Bíblia é oportunidade de encontro com a misteriosa presença da Palavra de Deus, gerando experiências de fé e vida nas pessoas e comunidades.

Inspiradas no Apóstolo Paulo (“Ai de mim se não anuncio o evangelho” [1Cor 9,16]) e motivadas pelas palavras de seu fundador, o Bem-aventurado Pe. Tiago Alberione, as Irmãs Paulinas levam adiante esse mandato da evangelização: “Se se deseja que a leitura da Bíblia produza frutos nas pessoas, é preciso guiá-las à leitura do Livro Sagrado com o vivo desejo de nele encontrar Jesus Cristo, o dom de Deus: lê-la com humildade, fé, oração, desejo de mudar de vida. Insista-se, portanto, muitas vezes e de todas as formas possíveis, na necessidade e modo de ler os Santos Livros” (*Apostolado das Edições*, p. 167).

Assim, atenta aos sinais dos tempos e à caminhada da Igreja, com ousadia e fé, Paulinas Editora acolheu da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em 2007, o impulso para o desafio de traduzir os textos bíblicos. “Desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo [...]; é condição indispensável o conhecimento profundo e vivencial da Palavra de Deus [...]. É preciso fundamentar nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus” (*Aparecida*, 247).

Ao longo de quinze anos, as Irmãs Paulinas e seus colaboradores dedicaram-se ao projeto da tradução dos textos bíblicos. Após a publicação do Novo Testamento (2015), dos Salmos (2017) e do Pentateuco (2021), chega até você a edição completa de A Bíblia.

A tradução de A Bíblia, feita diretamente do hebraico, aramaico e grego, tem linguagem fluente e utiliza-se das pesquisas bíblicas mais recentes na busca de fidelidade às línguas originais. Para auxiliar a compreensão do texto bíblico, foram elaboradas introduções e notas explicativas. Elas se caracterizam pelos comentários de perícopes e abundante referência intertextual, atentas ao caráter literário e ao contexto histórico e geográfico. É um valioso apoio à reflexão teológica, à leitura espiritual, ao estudo acadêmico e à celebração litúrgica da fé. A Bíblia é, portanto, uma contribuição para que “o estudo da Sagrada Escritura” se torne “uma porta aberta para todos os crentes” (*Evangelii Gaudium*, 175).

Paulinas Editora reconhece que a tradução do texto bíblico é apenas o término de uma etapa importante. O empenho na missão evangelizadora continua, a fim de que A Bíblia chegue às mãos e ao coração das pessoas e de que o verdadeiro encontro com Jesus Mestre “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6) se realize na vida de todos.

*Paulinas Editora*

# - DIREÇÃO E COLABORAÇÃO -

**Direção-geral** Ágda França

**Direção editorial da obra** Vera Ivanise Bombonato

**Tradução, introdução e notas**

Alessandra Serra Viegas	Ne
Carlos Henrique de Jesus Nascimento	Ef
Cláudio Vianney Malzoni	Mc, Jo, Rm, Fl, 1-2Ts, 1-3Jo
Elizangela Chaves Dias	Gn, Lv
Fabrizio Zandonadi Catenassi	Nm (introdução e notas), Esd
Jean Richard Lopes	Dn, 1-2Pd
José Lucas Brum Teixeira	Tb, Jt, Sb, Eclo, Br
José Tolentino Mendonça	Tg
Leonardo Agostini Fernandes	Dt, Rt, Ecl, Tt
Leonardo Pessoa da Silva Pinto	1-2Mc
Luisa Maria Almendra	Jó, Pr
Luiz Romulo Fernandes Saloto	Hb
Maria de Lourdes Corrêa Lima	Est, Ez, Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, Ml
Matthias Grenzer	Ex, Sl, Ct
Nelson Kilpp	Jr
Paulo Augusto de Souza Nogueira	Ap
Pedro Lima Vasconcellos	Cl, 1-2Tm
Renatus Porath	Is
Rivaldave Paz Torquato	Lm
Vicente Artuso	Nm (tradução)
Walter Eduardo Lisboa	Js, Jz, 1-2Sm, 1-2Rs, 1-2Cr, Mt, Lc, At
Zuleica Silvano	1-2Cor, Gl, Fm, Jd

**Revisão exegetica**

Cláudio Vianney Malzoni	Mt, Lc, At, 1-2Cor, Gl, Cl, 1-2Tm, Tt, Fm, Hb, 1-2Pd, Jd, Ap
Leonardo Agostini Fernandes	Sl
Leonardo Pessoa da Silva Pinto	Jt
Matthias Grenzer	Gn, Lv, Nm, Dt, Js, Jz, Rt, 1-2Sm, 1-2Rs, 1-2Cr, Esd, Ne, Est (hebraico), Jó, Pr, Ecl, Is, Jr, Lm, Ez, Dn (hebraico e aramaico), Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, Ml, Tg
Pedro Lima Vasconcellos	Ef
Renatus Porath	Sl
Walter Eduardo Lisboa	Tb, Est (grego), 1-2Mc, Sb, Br, Dn (grego), Mc, Jo, Rm, Fl, 1-2Ts, Hb, 1-3Jo

**Revisão literária** Anoar Jarbas Provenzi

**Revisão geral** Equipe Paulinas

**Ilustração** Cláudio Pastro<sup>†</sup>

**Diagramação** Sociedade Bíblica do Brasil

**Direções-gerais anteriores** Bernadete Boff e Flávia Reginatto

# ABREVIATURAS e modo de citar

<b>Ab</b>	Abdias	<b>Hab</b>	Habacuc	<b>Ne</b>	Neemias
<b>Ag</b>	Ageu	<b>Hb</b>	Hebreus	<b>Nm</b>	Números
<b>Am</b>	Amós	<b>Is</b>	Isaías	<b>Os</b>	Oseias
<b>Ap</b>	Apocalipse	<b>Jd</b>	Judas	<b>1Pd</b>	1 Pedro
<b>At</b>	Atos dos Apóstolos	<b>Jl</b>	Joel	<b>2Pd</b>	2 Pedro
<b>Br</b>	Baruc	<b>Jn</b>	Jonas	<b>Pr</b>	Provérbios
<b>Cl</b>	Colossenses	<b>Jó</b>	Jó	<b>Rm</b>	Romanos
<b>1Cor</b>	1 Coríntios	<b>Jo</b>	João	<b>1Rs</b>	1 Reis
<b>2Cor</b>	2 Coríntios	<b>1Jo</b>	1 João	<b>2Rs</b>	2 Reis
<b>1Cr</b>	1 Crônicas	<b>2Jo</b>	2 João	<b>Rt</b>	Rute
<b>2Cr</b>	2 Crônicas	<b>3Jo</b>	3 João	<b>Sb</b>	Sabedoria
<b>Ct</b>	Cântico dos Cânticos	<b>Jr</b>	Jeremias	<b>Sf</b>	Sofonias
<b>Dn</b>	Daniel	<b b="" js<=""></b>	Josué	<b>Sl</b>	Salmos
<b>Dt</b>	Deuteronômio	<b>Jt</b>	Judite	<b>1Sm</b>	1 Samuel
<b>Ecl</b>	Eclesiastes (Coélet)	<b>Jz</b>	Juízes	<b>2Sm</b>	2 Samuel
<b>Eclo</b>	Eclesiástico (Sirácida)	<b>Lc</b>	Lucas	<b>Tb</b>	Tobias
<b>Ef</b>	Efésios	<b>Lm</b>	Lamentações	<b>Tg</b>	Tiago
<b>Esd</b>	Esdras	<b>Lv</b>	Levítico	<b>1Tm</b>	1 Timóteo
<b>Est</b>	Ester	<b>Mc</b>	Marcos	<b>2Tm</b>	2 Timóteo
<b>Ex</b>	Êxodo	<b>1Mc</b>	1 Macabeus	<b>1Ts</b>	1 Tessalonicenses
<b>Ez</b>	Ezequiel	<b>2Mc</b>	2 Macabeus	<b>2Ts</b>	2 Tessalonicenses
<b>Fl</b>	Filipenses	<b>Ml</b>	Malaquias	<b>Tt</b>	Tito
<b>Fm</b>	Filêmon	<b>Mq</b>	Miqueias	<b>Zc</b>	Zacarias
<b>Gl</b>	Gálatas	<b>Mt</b>	Mateus		
<b>Gn</b>	Gênesis	<b>Na</b>	Naum		

## Modo de citar

A *vírgula* (,) separa capítulo de versículo

ex: *Mt 1,1*: lê-se Mateus, capítulo 1, versículo 1

O *ponto e vírgula* (;)

(a) separa capítulos de um mesmo livro

ex: *Mt 1,1; 3,24*: lê-se Mateus, capítulo 1, versículo 1, e Mateus, capítulo 3, versículo 24

(b) separa capítulos de livros diferentes

ex: *Mt 1,1; Lc 1,2*: lê-se Mateus, capítulo 1, versículo 1, e Lucas, capítulo 1, versículo 2

O *ponto* (.) separa versículos não seguidos

ex: *Mt 2,2.5*: lê-se Mateus, capítulo 2, versículo 2 e versículo 5

O *hífen* (-) indica versículos seguidos

ex: *Mt 1,2-17*: lê-se Mateus, capítulo 1, versículos de 2 a 17

O *traço* (-) indica sequência de capítulos

ex: *Mt 1-3*: lê-se Mateus, capítulos de 1 a 3;

*Mt 1,1-3,1*: lê-se Mateus, do capítulo 1, versículo 1, ao capítulo 3, versículo 1

OBS: As diferentes divisões existentes nos livros não são originais. As divisões de capítulos são atribuídas ao arcebispo Estêvão Langton (século XIII), enquanto os versículos procedem do editor Robert Estienne (1551). Também a pontuação moderna é uma decisão editorial, visto que os mais antigos códices carecem dela. E, finalmente, a divisão em perícopes com seus subtítulos são indicadores proporcionados pelos tradutores com o intuito de facilitar a leitura.



# SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Direção e colaboração.....	6
Abreviaturas e modo de citar.....	7

## Antigo Testamento

Introdução ao Antigo Testamento.....	13
--------------------------------------	----

<b>Livro</b>	<b>Abr.</b>	<b>Pág.</b>	<b>Livro</b>	<b>Abr.</b>	<b>Pág.</b>
PENTATEUCO			Provérbios.....	Pr.....	986
Gênesis.....	Gn.....	15	Eclesiastes (Coelet).....	Ecl.....	1028
Êxodo.....	Ex.....	84	Cântico dos Cânticos.....	Ct.....	1042
Levítico.....	Lv.....	144	Sabedoria.....	Sb.....	1051
Números.....	Nm.....	188	Eclesiástico (Sirácida).....	Eclo.....	1081
Deuteronômio.....	Dt.....	249			
			PROFETAS		
LIVROS HISTÓRICOS			Isaías.....	Is.....	1150
Josué.....	Js.....	296	Jeremias.....	Jr.....	1240
Juízes.....	Jz.....	331	Lamentações.....	Lm.....	1328
Rute.....	Rt.....	364	Baruc.....	Br.....	1340
1 Samuel.....	1Sm.....	371	Ezequiel.....	Ez.....	1352
2 Samuel.....	2Sm.....	411	Daniel.....	Dn.....	1416
1 Reis.....	1Rs.....	445	Oseias.....	Os.....	1445
2 Reis.....	2Rs.....	491	Joel.....	Jl.....	1459
1 Crônicas.....	1Cr.....	529	Amós.....	Am.....	1466
2 Crônicas.....	2Cr.....	568	Abdias.....	Ab.....	1478
Esdra.....	Esd.....	617	Jonas.....	Jn.....	1482
Neemias.....	Ne.....	633	Miqueias.....	Mq.....	1486
Tobias.....	Tb.....	654	Naum.....	Na.....	1495
Judite.....	Jt.....	673	Habacuc.....	Hab.....	1500
Ester.....	Est.....	695	Sofonias.....	Sf.....	1507
1 Macabeus.....	1Mc.....	712	Ageu.....	Ag.....	1513
2 Macabeus.....	2Mc.....	752	Zacarias.....	Zc.....	1517
			Malaquias.....	Ml.....	1530
LIVROS SAPIENCIAIS					
Jó.....	Jó.....	782			
Salmos.....	Sl.....	828			

## Novo Testamento

Introdução ao Novo Testamento.....	1537
------------------------------------	------

<b>Livro</b>	<b>Abr.</b>	<b>Pág.</b>	<b>Livro</b>	<b>Abr.</b>	<b>Pág.</b>
Mateus.....	Mt.....	1539	1 Timóteo.....	1Tm.....	1877
Marcos.....	Mc.....	1596	2 Timóteo.....	2Tm.....	1884
Lucas.....	Lc.....	1628	Tito.....	Tt.....	1889
João.....	Jo.....	1686	Filémon.....	Fm.....	1893
Atos dos Apóstolos.....	At.....	1733	Hebreus.....	Hb.....	1895
Romanos.....	Rm.....	1782	Tiago.....	Tg.....	1910
1 Coríntios.....	1Cor.....	1803	1 Pedro.....	1Pd.....	1916
2 Coríntios.....	2Cor.....	1823	2 Pedro.....	2Pd.....	1923
Gálatas.....	Gl.....	1838	1 João.....	1Jo.....	1928
Efésios.....	Ef.....	1847	2 João.....	2Jo.....	1935
Filipenses.....	Fl.....	1855	3 João.....	3Jo.....	1937
Colossenses.....	Cl.....	1861	Judas.....	Jd.....	1938
1 Tessalonicenses.....	1Ts.....	1867	Apocalipse.....	Ap.....	1941
2 Tessalonicenses.....	2Ts.....	1873			
Mapas.....					1967
Leitura Orante.....					1977



# ANTIGO TESTAMENTO





# INTRODUÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO

Os primeiros cristãos fizeram abundante uso dos textos sagrados judaicos e os chamaram de “Antigo Testamento/Aliança” (2Cor 3,14). Esses escritos são tanto os contidos na *Bíblia Hebraica* quanto aqueles acrescentados no momento da tradução dos livros hebraicos para o grego (Septuaginta/Setenta). Juntos, eles narram a experiência religiosa do Israel bíblico desde a origem do mundo (Gênesis) até o período próximo a Jesus. Essa caminhada milenar é marcada por momentos fortes, como as migrações dos patriarcas, a saída do Egito, a formação da sociedade israelita em Canaã, o nascimento da monarquia e do Estado, o cisma entre Judá e Israel, os conflitos com os impérios da Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma, que resultaram em destruições, deportações, tributos e conflitos culturais, entre outros.

## História e canonicidade

A atual lista de livros bíblicos que a Igreja Católica considera canônicos foi estabelecida pelo Concílio de Trento em 1546. Para o Antigo Testamento, trata-se de todos os livros da *Bíblia Hebraica*, acrescidos de alguns livros da *Bíblia Grega* (Septuaginta/Setenta). A *Bíblia Hebraica* contém trinta e nove livros: *Pentateuco* (Gn, Ex, Lv, Nm, Dt), *Profetas* (Js, Jz, 1Sm, 2Sm, 1Rs, 2Rs, Is, Jr, Ez, Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, Ml) e *Escritos* (Sl, Jó, Pr, Rt, Ct, Ecl, Lm, Est, Dn, Esd, Ne, 1Cr, 2Cr).

Em torno de 100 d.C., a comunidade judaica reconheceu esses escritos, até então dispersos, como formadores do cânon de sua Sagrada Escritura. Composto por volta de 190 a.C., o livro do *Eclesiástico* ou *Sirácida* já fala da “lei”, da “sabedoria” e das “profecias” (Eclo 39,1), e o prólogo do mesmo livro, em 117 a.C., menciona “a lei, os profetas e os outros escritos”. Outro dado importante é oferecido pelos textos de Qumrã, descobertos no século XX. Dezenas de fragmentos com textos bíblicos, copiados entre a segunda metade do

século III a.C. e o ano 70 d.C., trazem partes de praticamente todos os livros da *Bíblia Hebraica*. O único texto não citado é o livro de Ester. Do livro de Isaías, por sua vez, que é o mais volumoso de toda a *Bíblia*, existe uma cópia inteira. Entre 600 e 900 d.C., escribas, chamados massoretas, adicionaram ao texto hebraico, até então escrito somente com letras consoantes, sinais vocálicos e sinais de pausa. Com isso, o texto bíblico foi fixado de forma mais definida, evitando ambiguidades e facilitando, assim, a leitura.

Contudo, esta *Bíblia*, católica, apresenta como Antigo Testamento não apenas os textos da *Bíblia Hebraica*, mas também outros sete livros. Na metade do século III a.C., em razão da ampla difusão da cultura helenista, foi iniciada a tradução da *Bíblia Hebraica* para o grego, chamada de *Septuaginta* ou *Setenta* (LXX), amplamente usada pelos autores do Novo Testamento. Nela, os livros hebraicos de Daniel e Ester receberam acréscimos significativos (em itálico nesta *Bíblia*). Além disso, a *Septuaginta* acolheu os livros deuterocanônicos Tobias, Judite, 1 Macabeus, 2 Macabeus, Sabedoria, *Eclesiástico* e Baruc.

## Línguas e manuscritos

Com a exceção de, aproximadamente, dez capítulos em aramaico (duas palavras em Gn 31,47; Esd 4,8-6,18; 7,12-26; Dn 2,4-7,28; Jr 10,11), língua que, a partir do império persa (587/6-333/2 a. C.), substituiu o hebraico como língua falada, os demais textos pertencentes à *Bíblia Hebraica* foram escritos em hebraico. O manuscrito completo mais antigo de toda a *Bíblia Hebraica* é o *Códice Petropolitano* (antes: *Códice de Leningrado*), do ano 1008 d.C. Nesta tradução da *Bíblia*, todos os livros pertencentes à *Bíblia Hebraica* foram traduzidos a partir do hebraico ou aramaico.

No caso da *Septuaginta*, os pergaminhos do *Códice do Vaticano* (século IV d.C.) e do *Códice Sinaitico* (século V d.C.) são testemunhas

importantes para a história do texto. Nenhum deles, porém, traz o texto completo do Antigo Testamento em grego. Isso somente ocorre com manuscritos dos séculos IX a XVI d.C. Nesta Bíblia, os livros não pertencentes à Bíblia Hebraica (Tb, Jt, 1Mc, 2Mc, Sb, Eclo, Br) foram traduzidos do grego.

### Ordem e divisões dos textos

A partir de 382 d.C., São Jerônimo, valendo-se de traduções anteriores, em especial a *Vetus Latina*, traduziu toda a Bíblia, do hebraico, do aramaico e do grego para o latim. No decorrer dos séculos, essa tradução tornou-se a comumente usada na Igreja Católica, e, por isso, recebeu o nome de *Vulgata*. Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), criou-se, para o uso eclesial, a *Nova Vulgata*, publicada em 1979, com uma revisão do texto latino da Vulgata, comparando-o novamente aos textos originalmente compostos em hebraico, aramaico e grego. A tradução da Bíblia apresentada aqui, como a Vulgata, acolhe os quarenta e seis livros do Antigo Testamento, apresentando-os na mesma sequência e nos mesmos quatro blocos: *Pentateuco* (Gn, Ex, Lv, Nm, Dt), *Livros Históricos* (Js, Jz, Rt, 1Sm, 2Sm, 1Rs, 2Rs, 1Cr, 2Cr, Esd, Ne, Tb, Jt, Est, 1Mc, 2Mc), *Livros Sapienciais* (Jó, Sl, Pr, Ecl, Ct, Sb, Eclo) e *Profetas* (Is, Jr, Lm, Br, Ez, Dn, Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, Ml).

### Revelação

Os livros pertencentes ao Antigo Testamento trazem o fundamento do Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo e são a referência religioso-cultural para a fé dos primeiros discípulos e discípulas. São as “Escrituras” (Lc 24,45) do povo judeu. As comunidades cristãs, desde seus inícios no século I, leram e interpretaram o Antigo Testamento como Palavra de Deus. Quando a Igreja, no decorrer do século II, ampliou sua

Sagrada Escritura com os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Cartas Paulinas, as Cartas Católicas e o Apocalipse de João, ela guardou os trinta e nove livros protocanônicos da Bíblia Hebraica junto com os sete deutero-canônicos escritos em grego. Não lhes mudou os conteúdos. Pelo contrário, fez esses livros precederem os novos escritos. Assim, para os cristãos, a Bíblia nasceu com suas duas partes inseparáveis de Antigo e Novo Testamento.

### Nomes de Deus

Em respeito à inefabilidade do nome de Deus, os judeus não pronunciam o tetragrama sagrado (*Yhwh*). Quando necessário vocalizá-lo, fazem-no substituindo-o por *Adonai* (“[meu] Senhor”). Assim, quando a Bíblia Hebraica foi traduzida para o grego (Setenta), o tetragrama divino foi vertido como *Kýrios* (“Senhor”). Em respeito a isso e à tradição apostólica e eclesial, a Igreja recomenda que, liturgicamente, não se use o tetragrama, mas que ele seja substituído por “SENHOR” (*Liturgiam authenticam*, n. 41). Esta tradução procurou adotar o seguinte critério na escrita dos nomes de Deus “(meu) Senhor” para *Adonai*; “Senhor DEUS” / “SENHOR, meu Senhor” para *Adonai Yhwh*; “Deus” / “Altíssimo” (quando Elohim está junto com El) para *Elohim/El*; “Deus Todo-Poderoso” para *El-Shadday*; “Todo-Poderoso” para *Shadday*; “SENHOR” para *Yhwh*; “SENHOR DEUS” para *Yhwh Elohim*; “SENHOR dos Exércitos” para *Yhwh Tsebaot*.

### Nomes próprios

Este Projeto primou por uma padronização mais criteriosa da onomástica bíblica, distinguindo nomes muitas vezes confundidos: *Rahab* (habitante de Jericó que auxiliou Josué e companheiros) de *Raab* (monstro), *Amós* (profeta) de *Amoz* (pai de Isaias), *Amon* (território) de *Ámon* (rei) etc.

# GÊNESIS

## INTRODUÇÃO

O primeiro livro do cânon da Bíblia Hebraica é um convite a se aventurar no limiar das fronteiras dos inícios absolutos e arquétipos do universo, do céu, da terra, da biodiversidade, da flora, da fauna, dos recursos hídricos, do tempo, do espaço, da humanidade, da família, do mal e da maldade, dos conflitos familiares, das profissões, da linguagem, da técnica, do culto, da oração, do ato de fé, da diversidade de línguas, do nascimento de nações e povos, colocando em evidência a origem e as particularidades da história do povo hebreu, com quem Deus faz uma aliança particular a fim de que, por eles, todas as famílias da terra fossem abençoadas.

A tradição judaica, em geral, atribui como título dos livros sagrados a primeira palavra de abertura; portanto, o primeiro livro do cânon hebraico é conhecido pela tradição judaica como “*brê-šit*”. A tradição grega, seguida pela tradição latina Vulgata, entretanto, nomeia este primeiro livro usando a expressão que se encontra em Gn 2,4a: “O livro das gerações”. De fato, essa locução aparece onze vezes, seja na introdução das listas genealógicas (Gn 5,1; 10,1; 11,10; 25,12; 36,1.9), seja em uma importante sequência narrativa (Gn 2,4; 6,9; 11,27; 25,19; 37,2) do livro do Gênesis, em torno das quais se articulam os episódios dos diversos ciclos ancestrais recolhidos no livro. Sendo assim, a fórmula hebraica “*tôledôt*”, nesta tradução apresentada como “estas são as gerações...”, estrutura e organiza o material narrativo de todo o livro do Gênesis.

**Autor, data e destinatário** Há séculos os estudos bíblicos se distanciam da hipótese tradicional segundo a qual os primeiros cinco livros do cânon da Bíblia Hebraica teriam como autor o próprio Moisés (Mixnâ, ordem Neziqin, tratado Abot 1,1). Embora haja poucas respostas e muitas especulações quanto à data, à autoria, ao lugar de redação e aos destinatários do livro do Gênesis, há ao menos consenso quanto à hipótese de que o texto final seja resultado de um processo pluriforme e muito elaborado, cujas concatenações, articulações,

etapas e processos redacionais, em grande parte, ainda não são acessíveis.

A hipótese mais plausível, portanto, parece ser a que postula a existência de relatos, tradições isoladas e fragmentadas, integradas e editadas ao longo dos séculos, reunidas e reelaboradas durante o período do exílio e do pós-exílio da dominação babilônica e persa (a partir de 590 a.C.), bem como durante o helenismo, através de intervenções redacionais de origem sacerdotal ou pós-sacerdotal.

É possível que, ao serem colocados por escrito, os diversos relatos tivessem origem e destinatários diversos, levando em consideração que algumas tradições foram registradas por escrito durante o período do exílio e juntadas no período do pós-exílio, como é possível supor a partir dos duplícies relatos da criação (Gn 1,1-2,3; 2,4-3,24), do tríplice relato da esposa-irmã (Gn 12,10-20; 20,1-18; 26,1-11), das duas alianças com Abraão (Gn 15 e 17) e das duas expulsões de Agar (Gn 16 e 21), provavelmente provenientes de tradições diferentes, mas colocadas juntas no processo de redação, em vez de serem excluídas.

**Estrutura** O livro do Gênesis compreende duas partes. A primeira aborda a história das origens em geral (Gn 1,1-11,26), enquanto a segunda aborda a história da origem do antigo Israel (Gn 11,27-50,26).

A segunda parte do livro do Gênesis se divide em três seções ou ciclos: ciclo de Abraão e Sara (Gn 11,27-25,18); ciclo de Isaac e Rebeca (Gn 25,19-36,43); e ciclo de Jacó e sua família (Gn 37,1-50,26). Se, na perspectiva da literatura universal, um ciclo começa com o nascimento do herói e conclui-se com sua morte, as narrativas do livro do Gênesis não obedecem a essa lógica, visto que o herói, ou melhor, o eleito para receber a bênção ancestral e herdar a aliança, não morre, mas continua a viver em seus descendentes.

Orientando-se pelo texto, portanto, delimitou-se o início dos ciclos de Abraão e Sara, de Isaac e Rebeca e de Jacó e família a partir da

fórmula indicativa: “Estas são as gerações de...” (Gn 11,16; 25,19; 37,2). Nota-se, todavia, que a fórmula: “Estas são as gerações de...”, na verdade, introduz a vida do filho ou dos filhos, com enfoque particular no destino do filho eleito.

A denominação “ciclo de Isaac”, em geral, é colocada em questão, em razão do limitado espaço que a narrativa oferece ao patriarca, reduzido a poucas cenas que, na maioria das vezes, são episódios paralelos aos vividos por Abraão, por exemplo: o episódio da “esposas-irmãs” (Gn 12,10-20; 20,1-18; 26,1-11); as contendas referentes às propriedades de poço (Gn 21,22-26; 26,15-25); ou à aliança feita com Abimelec, rei de Gerara (Gn 21,27-32; 26,26-33). Ademais, grande parte dessa seção textual se detém nos conflitos e nos destinos dos filhos do casal Isaac e Rebeca (Gn 25,19-34,46). Esta tradução optou pelo título “ciclo de Isaac e Rebeca” para a referida seção textual (Gn 25,19-34,46), por compreender que a sequência canônica do texto propõe o casal Isaac e Rebeca como sucessor de Abraão e Sara.

A última etapa do percurso narrativo do livro do Gênesis é o ciclo de Jacó e família, o qual, em grande parte, se dedica à história de José. Nesse ciclo, graves conflitos entre os irmãos geram uma profunda crise no núcleo eleito e originário do futuro Israel. A reunificação da família terá como contexto um prolongado período de seca que expõe a família de Jacó/Israel à morte. A busca pela sobrevivência leva os filhos de Israel ao Egito a fim de adquirirem insumos alimentares, o que resulta em um desfecho inesperado de encontro, perdão e reconciliação entre os filhos de Jacó e José, que se tornou administrador de todo o Egito. A autoridade de José favorecerá a entrada de seus familiares como imigrantes no Egito, elemento central para a continuidade da narrativa no livro do Êxodo.

Dois eventos mantêm o leitor em suspense e expectativa, prendendo sua atenção até o desfecho no livro de Josué, que são: o cumprimento da promessa do dom da terra de Canaã aos descendentes de Israel e o sepultamento de José, que ocorrerá apenas no final do livro de Josué (Js 24,32). Ademais, os últimos capítulos do livro do Gênesis estabelecem uma sequência com o livro do Êxodo, cuja narrativa explica como essa família de imigrantes hebreus multiplicou-se, passou pela escravidão e tornou-se um grande povo, o povo da aliança, eleito por Deus.

**Principais temas** O leitor do livro do Gênesis dialoga com uma mentalidade e uma cultura milenar, perpetuada em forma escrita, cuja

finalidade específica não tem a intenção de fazer um registro científico ou arquivo histórico sobre a origem do universo e a evolução das espécies no contexto geográfico do antigo Oriente Próximo. O livro do Gênesis propõe as bases e os fundamentos necessários dos aspectos culturais, sociais, religiosos, ideológicos e teológicos sobre o nascimento e a origem do povo de Israel, bem como apresenta, pela arte e pela sensibilidade da narrativa hebraica, Deus como origem e princípio de toda a existência.

A solene abertura do cânon bíblico introduz os dois protagonistas de toda a Escritura: Deus, origem de tudo o que existe, e o humano, macho e fêmea, plasmado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27), e animado pelo respiro divino (Gn 2,7). A narrativa parte, portanto, do universal ao particular, sendo que os dois relatos da criação (Gn 1,1-2,3; 2,4-25), juntamente com todo o material reunido nos onze primeiros capítulos do livro do Gênesis, servem também de prólogo às narrativas ancestrais dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel.

Nessa perspectiva, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó (Gn 26,24; 28,13; 31,42.53; Ex 3,6.15.16; 4,5) não se limita a ser um Deus pessoal, familiar, territorial ou tribal; ao contrário, ele é o criador de todo o universo e de tudo o que existe. Deus se revela no livro do Gênesis como origem de todo o universo, é o Deus uno, único e soberano, a quem todo criado está sujeito e a quem os povos da terra devem conhecer e servir fielmente mediante uma aliança, temática muito cara ao livro do Gênesis.

Em síntese, os principais temas do livro do Gênesis são: a unicidade e soberania do Deus criador de todas as coisas e de todos os seres; a dignidade do humano, macho e fêmea, criado à imagem e semelhança de Deus; as alianças ancestrais com Noé, com Abraão, com Isaac e com Jacó; as promessas de descendência, bênção e terra; a fé como resposta ideal do eleito a Deus; a identidade de imigrante de todos os patriarcas e matriarcas do antigo Israel; a esterilidade humana; a revelação de Deus como aquele que fala e faz, para quem nada é impossível, um Deus que não está atrelado a uma terra, mas que caminha com seu eleito, indicando o caminho.

**Intertextualidade com o Novo Testamento** São numerosas as passagens do Novo Testamento nas quais é possível identificar algum tipo de presença de textos do livro do Gênesis. Apresentam-se, aqui, algumas evidências, como a alusão à identidade davídica de Jesus, no Evangelho segundo Mateus, ascendendo

a Abraão (Mt 7,1-17), e no Evangelho segundo Lucas, ascendendo a Adão (Lc 3,2-23). O Evangelho segundo João (Jo 4,5.6.12) fará alusão ao território comprado por Jacó em Siquém e dado em herança a seu filho José (Gn 33,19; 48,22).

Com relação à figura dos patriarcas, o Novo Testamento dedica atenção especial a Abraão, que aparece setenta e três vezes, enquanto Isaac aparece vinte e três e Jacó vinte e cinco vezes. José aparece cerca de oito vezes no Novo Testamento.

O quarto capítulo da Carta aos Romanos insiste na justificação pela fé e não pelas obras da lei, com base no exemplo de Abraão, a quem foi creditado o prêmio da justiça (Gn 15,6), antes mesmo do sinal da circuncisão na carne (Rm 4,1-3.9-22). Essa mesma carta também reflete a temática da supremacia da eleição de Israel sobre os demais povos (Rm 9,4-13), baseando-se na descendência nascida para os pais em virtude da promessa, aludindo a Isaac e Jacó, e não por critérios humanos, acenando aos primogênitos Ismael e Esaú.

Entre tantos outros lugares em que o Novo Testamento faz referência à figura do patriarca Jacó, Rm 9,1-18 é digno de nota, por abordar a temática da eleição gratuita de Deus por Israel, recordando a imagem da eleição de Isaac em detrimento de Ismael (Rm 9,6-9) e de Jacó em detrimento de Esaú (Rm 9,10-13).

Na Carta aos Gálatas, Paulo insiste sobre a precedência da promessa feita por Deus a Abraão em relação à lei dada no Sinai a

Moisés, bem como sobre a universalidade e primazia da bênção de Abraão, que alcança todos os pagãos mediante a fé (Gl 3,6-18-29). Ainda na Carta aos Gálatas (Gl 4,22-5,1), Isaac e Ismael são caracterizados, respectivamente, como filho da mulher livre, isto é, Sara, e como filho da escrava, isto é, Agar, sugerindo que os nascidos mediante o batismo, pela fé em Cristo, são herdeiros como o filho da mulher livre.

No livro dos Atos dos Apóstolos, Estêvão apresenta um breve excuro da vida dos patriarcas até José (At 7,2-16). A Carta aos Hebreus também faz uma retrospectiva do caminho e da resposta de fé dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel (Hb 11,8-12.20-29). Ademais, essa mesma carta estabelece um paralelo de semelhança e continuidade entre o sacerdócio de Melquisedec (Gn 14,18-20) e o sacerdócio de Cristo (Hb 7,1-8), em contraposição ao sacerdócio levítico. O episódio da prova de Abraão e da amarração de Isaac (Gn 22,1-19) também são recordados e interpretados (Hb 11,17-19; Tg 2,21).

**Conclusão** O livro do Gênesis é um convite a compartilhar da experiência de fé de famílias transmigrantes, bem como a empreender o caminho dos patriarcas e matriarcas do antigo Israel, deixando-se guiar por Deus, na certeza de que ele jamais abandona aqueles que escolhe. Deus fala e faz; sua palavra tem poder criador e restaurador, pois deriva de alguém para quem nada é impossível (Gn 1,1-2,4; 18,1-16; 21,1-7).



## ORIGEM DO UNIVERSO E DA HUMANIDADE

**1** Primeiro relato da criação. **1**No início Deus criou o céu e a terra. **2**A terra era amorfa e vazia; havia trevas na superfície do abismo, e o espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas. **3**E Deus disse:

“Que haja luz!” E houve luz. **4**Deus viu que a luz era boa. E Deus fez a separação entre a luz e as trevas. **5**Deus chamou a luz de “dia”; e as trevas chamou de “noite”. Houve uma tarde e uma manhã; primeiro dia.

**6**Deus disse: “Que haja um firmamento no meio das águas, e que haja uma

**1,1-2,3** A primeira palavra do livro, *início* (“bereshit” em hebraico, “arché” em grego, “principium” em latim), é um convite a ultrapassar as fronteiras do princípio absoluto e arquetípico: a origem do céu, da terra, do tempo, da humanidade, da transgressão, do trabalho, do culto, da violência, da oração, da pedagogia divina, da eleição de Israel. O mundo criado por Deus é perfeito e fértil; nele, tudo é bom (vv. 4.10.12.18.21.25.31), não há lugar para o mal e a dor. O versículo 2 expõe as circunstâncias da iniciativa do ato criador: a inexistência de formas e o vazio

primordial (Jr 4,23; Is 45,18). Oito obras são criadas em seis dias, sendo que no terceiro (vv. 9-13) e no sexto (vv. 24-31) são criadas duas obras em cada dia. O primeiro elemento evocado por Deus é a luz (v. 3), a partir da qual a passagem do tempo é indicada pela alternância dos dias (vv. 5.8.13.19.23.31). O quarto dia é dedicado à formação dos corpos celestes: o sol, a lua e as estrelas (vv. 14-19); o narrador não pronuncia seus nomes, possivelmente por serem considerados divindades nos mitos da antiga Babilônia e demais culturas vizinhas. Ademais,

# Josué

## INTRODUÇÃO

Js

O livro de Josué constitui o ponto final lógico do Pentateuco e, ao mesmo tempo, abre a grande narração de toda a história acontecida na terra prometida, que termina no final do segundo livro dos Reis, com a perda da mesma.

No cânon hebraico, o livro sempre ocupou o primeiro lugar dos chamados “Profetas Anteriores” (Josué até 2 Reis). Isso porque, se estes livros são “históricos” em sua essência, eles também são “proféticos”, na medida em que testemunham o desenrolar da palavra profética na vida da nação.

Ele foi escrito originariamente em hebraico. Comparando-o com o texto grego dos Setenta (LXX), encontram-se diferenças sensíveis, especialmente quanto aos nomes geográficos.

**Autor, data e destinatário** O livro de Josué recebeu esse título de seu personagem principal, que foi sucessor de Moisés e líder em Israel. O nome “Josué” significa “Yahweh [o SENHOR] salva/liberta”. Esse nome é traduzido no Antigo Testamento grego (LXX) como “Iesous”, que é a mesma forma do nome de “Jesus” no Novo Testamento. Seu nome original era “Oseias”, que quer dizer “salvação” ou “libertação” (Nm 13,8; Dt 32,44), mas Moisés deu-lhe novo nome (Nm 13,16).

Embora partes do livro possam ter sido escritas por Josué (Nm 24,26), a obra alcança sua forma final em torno dos séculos VII-VI a.C. O livro apresenta uma compilação de documentos, talvez pouco posteriores aos acontecimentos, que depois os redatores reuniram e ordenaram para desenvolver um argumento religioso com base histórica.

O livro não oferece nenhuma informação segura que permita datar com precisão os eventos nele relatados. O início da ocupação da terra se encontra intimamente ligado à data do êxodo, pois acontece quarenta anos depois da saída do Egito. Em termos gerais, a evidência bíblica tende a apoiar uma data mais antiga para o êxodo (aproximadamente 1446 a.C.), enquanto a evidência arqueológica prefere uma mais recente (por volta de 1279 a.C.).

**Estrutura** Observa-se que o relato bíblico segue uma sequência lógica geral:

- 1,1-5,15 Preparativos para a ocupação da terra
- 6,1-12,24 Ocupação da terra
- 13,1-21,45 Distribuição da terra
- 22,1-24,33 Conclusão do ciclo de Josué

Em grande medida, pode-se observar certo cuidado para seguir uma sequência geográfica:

A travessia do leste ao oeste na terra de Canaã (Js 2-5) é seguida por campanhas militares dirigidas ao centro (Js 6-8), ao sul (Js 9-10) e ao norte (Js 11), concluindo com um sumário (Js 12).

A divisão da terra cobre primeiro as tribos transjordânicas (Js 13), depois as tribos centrais (Js 14-17) e por último as tribos periféricas e não geográficas (Js 18-21).

O livro termina com uma nota satisfatória, mostrando como Deus tem sido fiel às suas promessas e como o povo tem sido obediente. Esse final, que coincide com o fim da vida de Josué, dificilmente pode ser encontrado em outro livro histórico do Antigo Testamento.

**Principais temas** A terra. O tema principal no livro é a posse da “terra” prometida. Ela tinha sido prometida a Abraão (Gn 12,7; 13,14-15.17; 15,18-21; 17,8; 22,17), Isaac (Gn 26,3-4), Jacó (Gn 28,4.13; 35,12) e às gerações sucessivas (Gn 15,13-21; 48,4; 50,24). Ela é um dom de Deus para Israel e, como tal, nunca pertenceu absolutamente a Israel, mas sim a Deus (Lv 25,23; Dt 9,4-5). Por estar à disposição de Deus, é dividida por sorteio entre as tribos (Nm 26,55-56; Js 14,2; 18,1-10). O detalhe minucioso dessa divisão (Js 13-21) mostra que as promessas estavam sendo cumpridas de modo tangível. Provavelmente esse parcelamento não se tenha realizado inteiramente naquela época, mas reflete fronteiras políticas posteriores, reais ou idealizadas, que foram descritas como sendo da época de Josué, para dar maior autoridade ao ato.

A aliança. Outro tema relevante em Josué é a “aliança”, especialmente aquela materializada

por intermédio da lei mosaica. São registradas, de modo parcial, duas cerimônias de renovação da aliança (Js 8,30-35; 24). Como no Deuteronômio, o livro de Josué enfatiza a obediência à lei (à aliança) e a relação de causa e efeito que decorre disso: à obediência segue a bênção; à desobediência, o castigo. De fato, a posse e a manutenção da terra são vistas como consequências diretas da obediência de Israel (Js 10,40; 11,20.23; 23,9-13), e as derrotas e os fracassos, como fruto da desobediência (Js 7; 13,13; 15,63; 16,10; 17,11-12; 19,47). A obediência à lei e à aliança é exigida tanto de Josué (Js 1,7-8) quanto das tribos da Transjordânia (Js 22,5) e do povo (Js 23,6.16; 24,15).

Se a aliança é o sinal da relação de Deus com seu povo, a “arca” é o símbolo da presença de Deus no meio do povo. Ela continha três símbolos da relação de Deus com Israel: as tábuas dos mandamentos, o cajado de Aarão e uma porção do maná (Ex 25,16.21; 40,20). Às vezes, é identificada com o próprio Deus; assim, a expressão “diante de Deus/ do SENHOR” pode ser sinônimo de “diante da arca” (Lv 16,1s; Js 6,8; Jz 20,26s; 1Sm 10,25). Ela recebe diversos nomes neste livro (“arca da aliança”, “arca do SENHOR”, “arca da aliança do Senhor”, “arca da aliança do SENHOR”, “arca do testemunho”) e ocupa um lugar importante na travessia do rio Jordão (Js 3) e na cerimônia de renovação da aliança (Js 8).

O “herem”, a coisa sagrada. Um conceito de suma importância no livro de Josué é “herem”. O substantivo normalmente é traduzido como “coisa consagrada”, enquanto as formas verbais trazem o significado de “consagrar ao extermínio” e “exterminar”. Pode-se dizer que, grosso modo, cerca de oitenta e cinco por cento de suas ocorrências estão em contexto de guerra e destruição. Na narração, essa noção está também ligada à de “obediência” (“execução”) e “desobediência” (“não execução”) da ordem dada pelo Senhor.

A definição essencial da lei do “herem” é dada em Dt 7, que ecoa as condições decorrentes da aliança de Ex 23,20-33. As implicações são claras: nenhuma aliança (pacto) com os habitantes, nenhuma clemência e nenhum

casamento misto. Seu propósito, de acordo com Dt 7, era “expulsar” ou “desapropriar” os cananeus de sua terra, de tal forma que estes não pudessem exercer nenhuma influência sobre a fé de Israel, o povo consagrado exclusivamente ao Senhor. Em Dt 20,16, o “herem” está definido pela ordem de não deixar vivo nada que respirar (em especial os seres humanos), formulada semelhantemente em Js 10,40; 11,11.14.

As instruções para aniquilar os cananeus foram específicas no tempo, na intenção e na geografia, ou seja, para o tempo em que Israel estava se estabelecendo como uma teocracia, para proteger o culto de Israel e para punir somente aqueles povos. Esse tipo de ação militar não deve ser visto como uma espécie de “guerra santa” no Antigo Testamento, mas trata-se de uma ideologia que Israel compartilhou com outras nações do antigo Oriente, pois todas as guerras eram empreendidas para estender o reinado de seus deuses e, assim, glorificá-los.

O *descanso*. A ideia da posse da terra como a realização do “descanso” de Deus é também importante. O “descanso” é um dom, faz parte da herança. A herança tem duas partes: (1) a terra e (2) o descanso do conflito com os inimigos. Às tribos da Transjordânia, disse Josué: “Lembraí o que Moisés, servo do SENHOR, vos ordenou: ‘O SENHOR, vosso Deus, vos concede descanso, pois vos deu esta terra’” (Js 1,13). O descanso remete às promessas dadas anteriormente (Nm 32,20.22; Dt 3,18.20; 12,10; 25,19), ecoa nos sumários de Josué (Js 21,44; 23,1) e antecipa a mesma ideia repetida no livro dos Juízes (Jz 3,11.30; 5,31; 8,28).

O Novo Testamento equipara, tipologicamente, esse conceito com o entrar no “descanso” de Cristo. A Carta aos Hebreus, nos capítulos 3 e 4, desenvolve isso com grande detalhe, inclusive citando várias vezes o Sl 95, que menciona a geração rebelde do deserto, cuja desobediência não lhes permitiu entrar no descanso do Senhor. Mesmo assim, esse descanso continua sendo uma oferta de que cada geração deve procurar apropriar-se.



## PREPARATIVOS

## PARA A OCUPAÇÃO DA TERRA

## INSTRUÇÕES PARA HERDAR A TERRA

**1** Instruções do Senhor a Josué <sup>1</sup>Depois da morte de Moisés, servo do SENHOR, o SENHOR falou a Josué, filho de Nun, colaborador de Moisés: <sup>2</sup>“Meu servo Moisés morreu. Agora, levanta-te! Atravessa esse Jordão, tu e todo esse povo, rumo à terra que eu estou dando aos filhos de Israel! <sup>3</sup>Eu vou dou todo lugar que a planta de vossos pés pisar, conforme prometi a Moisés. <sup>4</sup>Vosso território será desde o deserto e o Líbano até o Grande Rio, o rio Eufrates, toda a terra dos heteus e até o Grande Mar, onde o sol se põe. <sup>5</sup>Ninguém te poderá resistir enquanto viveres. Como estive com Moisés, assim estarei contigo; não te deixarei nem te abandonarei. <sup>6</sup>Sê forte e corajoso! Tu farás este povo herdar a terra que a seus pais jurei lhes dar. <sup>7</sup>Tão somente sê forte e muito corajoso, para observar e praticar toda a lei que Moisés, meu servo, te ordenou; dela não te desvies nem para a direita nem para a esquerda, para que prospere por onde quer que vás! <sup>8</sup>Que o livro desta lei não se afaste de tua boca! Medita nele dia e noite, para que procures fazer tudo o que nele está escrito! Então serás bem-sucedido em teu caminho e prosperarás. <sup>9</sup>Eu te ordeno: Sê forte e corajoso! Não temas nem te acovardes, porque o SENHOR, teu Deus, está contigo por onde quer que vás”.

**1,1-9** A terra de Canaã é considerada como o dom concedido por Deus a Israel, como cumprimento de muitas promessas feitas anteriormente aos patriarcas, a Moisés, às gerações anteriores (Gn 12,7; 15,18; Dt 11,24-25; 34,4). Deus dá a terra desses outros povos por pura gratuidade, não por mérito ou esforço de Israel (Dt 7,1-2). A terra já pertence a Israel (Deus lhe entregou os direitos sobre ela), mas o ato de possuí-la ainda está em processo (Deus se apresenta como garantidor desse processo). Daí a importância de ser obediente à lei (Dt 29,8; 1Sm 5,14s; 1Rs 2,3; 2Rs 18,7) e de meditar nela (Jó 36,11; Sl 34,10; Pr 10,15) para obter resultados positivos. A extensão da terra é detalhada em uma espécie de mapa ideal mais do que real.

**1,10-11** Os oficiais, que eram os líderes respeitados em Israel previamente nomeados por Deus para ajudar Moisés, tinham deveres religiosos e judiciais (Nm 11,16s; Dt 1,15s; 20,5.8).

Instruções de Josué aos oficiais <sup>10</sup>Então Josué ordenou aos oficiais do povo: <sup>11</sup>“Percorrei o acampamento e daí esta ordem ao povo: ‘Preparai-vos provisões, porque dentro de três dias atravessareis este Jordão para tomar posse da terra que o SENHOR, vosso Deus, vos dá em propriedade!’”

Instruções de Josué às tribos da Transjordânia <sup>12</sup>Josué disse aos rubenitas, aos gaditas e à meia tribo de Manassés: <sup>13</sup>“Lembra o que Moisés, servo do SENHOR, vos ordenou: ‘O SENHOR, vosso Deus, vos concede descanso, pois vos deu esta terra. <sup>14</sup>Vossas mulheres, vossas crianças e vosso gado permanecerão na terra que Moisés vos deu neste lado do Jordão; mas vós, todos os valentes guerreiros, atravessareis bem armados na frente de vossos irmãos e os ajudareis, <sup>15</sup>até que o SENHOR conceda descanso a vossos irmãos – como fez convosco –, e também eles tomem posse da terra que o SENHOR, vosso Deus, lhes dá. Então regressareis para a terra de vossa herança e tomareis posse dela, a terra que Moisés, servo do SENHOR, vos deu neste lado do Jordão, onde nasce o sol”.

Resposta de todo Israel <sup>16</sup>Eles responderam a Josué: “Faremos tudo o que nos ordenaste e iremos para onde quer que nos envies. <sup>17</sup>Assim como escutamos em tudo a Moisés, da mesma forma te

**1,12-15** A missão dada por Josué às tribos assentadas no lado leste do Jordão se apoia no acordo que elas realizaram anteriormente com Moisés, quando lhes fora concedido o direito de assentarem-se ali (Nm 32,1-42; Dt 2,26-3,17). Parte da herança de Israel é a promessa de descansar (Ex 33,14). Ao tomar posse da terra, Israel descansará de seus inimigos que nela habitam (Dt 12,10; 25,19), e até a própria terra descansará da guerra (Js 11,23; 14,15). A expressão *valentes guerreiros* indica o grupo militar de elite (Js 8,3; 10,7; 1Sm 22,2; 2Sm 23,8-39).

**1,16-18** A história israelita anterior está repleta de exemplos de desobediência e rebelião, apesar de promessas de obediência incondicional (Ex 24,3.7; 32; Dt 1,26.43; 9,23). A tensão entre as palavras do povo e suas ações é introduzida aqui e atravessará todo o livro (Js 7; 11,22; 13,1; 15,6,3; 16,10; 17,12s).

# Jó

## INTRODUÇÃO

**Conteúdo** O livro de Jó é, desde há muitos séculos, um dos textos bíblicos de maior impacto universal. É composto de um longo diálogo poético (Jó 3,1-42,6), precedido e seguido de uma breve narrativa em prosa, centrada em uma descrição da identidade do protagonista e da maneira como foi colocado à prova (Jó 1,1-2,13; 42,7-17). A narrativa inspirou-se em um relato sapiencial da época, que contava as circunstâncias dolorosas de um ser humano profundamente religioso, justo e bom, que, depois de ter sido privado de todos os seus bens, filhos e saúde, viu premiada a firmeza de sua fé. No interior dessa narrativa, autores sucessivos inseriram uma longa série de diálogos e reflexões sobre uma das questões mais incisivas de sempre: a justiça divina, nomeadamente, perante o sofrimento do justo e do inocente. A estrutura do livro apresenta-se do seguinte modo:

- 1,1-2,13 Prólogo
- 3,1-31,40 Diálogo entre Jó e seus três amigos: Elifaz, Baldad e Sofar
- 32,1-37,24 Discursos de Eliú
- 38,1-42,6 A grande teofania
- 42,7-17 Epílogo

**Características** O livro de Jó inspira-se na experiência do ser humano de todos os tempos: a de um incompreensível silêncio de Deus perante o sofrimento que atinge o inocente e o ser humano bom e íntegro. Essa experiência é revista à luz dos parâmetros da tradição bíblica da retribuição, segundo a qual o sofrimento era considerado uma punição de um pecado. Essa percepção é partilhada pelos três amigos de Jó, que dominam o drama no interior do livro (Jó 3-31). Seus múltiplos argumentos de defesa de uma justiça intocável de Deus e sua alegação intransigente de que o sofrimento do ser humano é sempre consequência de uma culpa são amplamente contestados por Jó. No entanto, situando-se no mesmo horizonte de retribuição divina, Jó é, também ele, incapaz de compreender o sofrimento do inocente

que se volta para Deus. Por isso, Jó insurge-se com palavras veementes que emergem do coração de sua condição humana sofredora, projetando em Deus um grito lacerante, pedindo uma palavra que explique o agir de Deus; uma compreensão que o ajude a entender seu sofrimento; um defensor que medeie sua causa junto de Deus. Ambos, Jó e os amigos, se situam em um horizonte de Deus, porém sob ângulos diversos: os amigos pela defesa teórica da justiça divina; Jó pelo questionamento árduo e veemente do sofredor. Os diálogos, ou sequência de monólogos justapostos, entre Jó e os amigos terminam sem uma resposta. Jó desiste, por momentos, abdicando de mais palavras e argumentos. O impasse é assinalado nos momentos seguintes (Jó 32-37) pela palavra de um jovem sábio, que se propõe a oferecer sabedoria e compreensão. Suas palavras dispõem, essencialmente, uma avaliação da linguagem e dos argumentos apresentados por Jó e pelos amigos, preparando o encontro e o questionamento que se irá estabelecer entre Deus e Jó (Jó 38,1-42,6). Deus irrompe na narrativa, não para responder diretamente às muitas perguntas de Jó, mas para colocar diante dele o mistério insondável de seu poder criador. Jó é chamado a compreender a diferença inequívoca entre ele e Deus; entre o conhecimento de Deus e o conhecimento do ser humano. Esta é na verdade a prova a que Jó foi submetido: a gratuidade da fé, que se sabe situar na diferença de Deus, que será sempre mistério em seu agir.

**Origem** O livro de Jó tem uma história de redação muito extensa. Os sábios de Israel realizaram um primeiro trabalho de adaptação de um conto de origem babilônica, na época da monarquia. Nesse primeiro trabalho, foram inseridos os nomes de Deus utilizados por Israel e algumas noções de intercessão e expressão litúrgica. A redação deste livro conhece um momento muito importante durante o exílio da Babilônia (587-538 a.C.). Situam-se nessa época os monólogos de Jó, em sua dimensão de lamento

e questionamento, e o debate com os amigos, em uma tentativa de releitura dos acontecimentos dramáticos do exílio. O livro conhecerá, ainda, dois momentos diferentes de redação: um primeiro (Jó 32-37), em que os sábios de Israel avaliam o questionamento de Jó e se abrem a uma nova compreensão da linguagem utilizada pelos parâmetros tradicionais da retribuição, como uma condição para assumir a alteridade

de Deus; e um segundo momento (Jó 28), em que todo o drama da prova e da gratuidade da fé é relido sob uma nova compreensão da sabedoria: a da participação do conhecimento de Deus. A redação final coincide, portanto, com um momento de reconstrução em Israel, quando era urgente infundir uma nova esperança em Deus, enraizada em um dinamismo de mistério inerente ao ser humano e a Deus.



## PRÓLOGO

### FELICIDADE E RETIDÃO DE JÓ

**1** Destino do ser humano <sup>1</sup>Havia um homem na terra de Us; seu nome era Jó. Esse homem era íntegro e reto, temia a Deus e evitava o mal. <sup>2</sup>Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. <sup>3</sup>Seu gado contava sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas jumentas de bois e quinhentas jumentas. E o número de servos era muito grande. Este homem era o maior de todos os filhos do Oriente. <sup>4</sup>Seus filhos iam fazer banquetes na casa uns dos outros, cada um em seu dia, e mandavam chamar suas três irmãs para comer e beber com eles. <sup>5</sup>Passados os dias do banquete, Jó fazia com que eles fossem purificados. Levantava-se de manhã e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles; porque Jó dizia: “Talvez meus filhos tenham pecado e deixado de bendizer a Deus em seus corações”. Jó fazia isso todos os dias.

Uma assembleia no céu <sup>6</sup>Chegou o dia em que os filhos de Deus iam

**1,1-5** A referência a Us permite relacionar Jó entre os filhos do oriente, os habitantes de Edom e da Arábia (Nm 24,21). Situa-lo em um lugar com um nome e uma família oferece realismo ao livro. Trata-se de uma experiência humana. Sua caracterização de homem *íntegro e reto que temia a Deus* (v. 1) condiz com sua preocupação pelos filhos, presente na expressão literal *fazia com que eles fossem purificados* (v. 5). Essa purificação relaciona-se ao ritual judaico que resgatava o judeu de toda possível contaminação durante as festas que o impediria de participar do culto (Lv 11,1). **1,6-12** A expressão *filhos de Deus* (v. 6) parece ser uma reminiscência mitológica, que considerava a assembleia celeste formada por semideuses pertencentes ao conselho de um Deus supremo. *Satã* foi aceito como uma dessas figuras que integravam

apresentar-se diante do SENHOR; veio também Satã entre eles. <sup>7</sup>Então o SENHOR disse a Satã: “Donde vens?” Satã respondeu ao SENHOR e disse: “De dar voltas pela terra e passear por ela”. <sup>8</sup>Disse o SENHOR a Satã: “Prestaste atenção a meu servo Jó? Porque não há ninguém na terra como ele, um homem íntegro e reto, que teme a Deus e evita o mal”. <sup>9</sup>Satã respondeu ao SENHOR e disse: “Será que Jó teme a Deus sem nenhum interesse? <sup>10</sup>Não puseste uma sebe à sua volta e de sua casa e de tudo quanto ele tem? Abençoaste a obra de suas mãos, e seu gado multiplica-se pela terra. <sup>11</sup>Contudo, estende tua mão, toca-lhe em tudo quanto tem e verás se ele não deixa de bendizer-te em tua presença!” <sup>12</sup>Disse o SENHOR a Satã: “Pois bem, tudo quanto ele possui está em tua mão; somente contra ele não estendas tua mão”. E Satã saiu da presença do SENHOR.

Uma prova na terra <sup>13</sup>Chegou o dia em que seus filhos e suas filhas comiam

a assembleia divina. Seu nome é transcrição do termo hebraico “satan”, cujo significado é “adversário ou acusador” (2Sm 19,23; 1Rs 5,18; 11,14.23.25; Sl 109,6). Trata-se de uma figura importada, que se converteu na figura de um anjo, opositor de Deus, como personificação das forças que se opõem a Deus. Deus toma a iniciativa de um diálogo que será determinante de toda a experiência de Jó. A pergunta que Deus faz a Satã no versículo 8 assinala a confiança e a alegria original que Deus, como Criador, tem em toda a sua criação (Gn 1,10.12.18.21.25). Satã responde com o grande desafio da gratuidade da fé e da relação com Deus. Pede autorização para colocar à prova a fidelidade de Jó.

**1,13-22** Satã realiza sua missão sem hesitar, e com ele todo o universo. A narrativa estabelece uma alternativa

e bebiam vinho na casa de seu irmão primogênito. <sup>14</sup>Um mensageiro chegou junto de Jó e disse: “Estavam os bois lavrando e as jumentas pastavam junto a eles, <sup>15</sup>quando caíram sobre eles os sa-beus, os agarraram, passaram os servos a fio de espada; só eu escapei para te informar”. <sup>16</sup>Ainda este estava falando, quando outro chegou, dizendo: “Um fogo de Deus caiu do céu e queimou o gado e os servos, devorou-os; só eu escapei para te informar”. <sup>17</sup>Ainda este estava falando, quando outro chegou, dizendo: “Os caldeus formaram três frentes, lançaram-se sobre os camelos e os tomaram, e, aos servos, passaram a fio de espada; só eu escapei para te informar”. <sup>18</sup>Ainda este estava falando, quando chegou outro, dizendo: “Estavam teus filhos e tuas filhas comendo e bebendo vinho na casa de seu irmão primogênito; <sup>19</sup>eis que um grande vento veio de além do deserto e sacudiu os quatro cantos da casa; esta caiu sobre os jovens, e morreram; só eu escapei para te informar”. <sup>20</sup>Então Jó levantou-se e rasgou seu manto, raspou sua cabeça, caiu por terra em adoração <sup>21</sup>e disse:

“Nu saí do ventre de minha mãe  
e nu para lá voltarei;  
o SENHOR o deu, o SENHOR o tirou:  
bendito seja o nome  
do SENHOR!”

<sup>22</sup>Em tudo isso Jó não pecou, não proferiu contra Deus nenhuma insensatez.

entre os danos realizados pelos seres humanos e os que são provocados pelas forças da natureza, marcando os ritmos da catástrofe com um refrão que lembra as tragédias gregas (vv. 15.17.19). O gesto de Jó de *rasgar o manto* e *raspar a cabeça* (v. 20) indica a intensidade do sofrimento que o atinge (Gn 37,34; Js 7,6; 2Sm 1,11; 3,31; Jr 7,29; 48,37; Ez 7,16). No entanto, aqui ele parece assinalar a intensidade de um sofrimento que atinge duplamente a interioridade de Jó: a perda da descendência e dos bens, mas também a dúvida sobre a presença e a bênção de Deus em sua vida. Esse fato, porém, não o impede de continuar a manifestar sua confiança em Deus, como prova de seu amor e fidelidade.

**2,1-10** A expressão *pele por pele* (v. 4) não pode reduzir-se à evocação de um provérbio popular ou à simples alusão a uma veste de couro (Gn 3,21;

**2** Uma segunda assembleia no céu e uma segunda prova na terra <sup>1</sup>Chegou o dia em que os filhos de Deus iam apresentar-se diante do SENHOR. <sup>2</sup>Então o SENHOR disse a Satã: “De onde vens?” E respondeu Satã ao SENHOR e disse: “De dar voltas pela terra e passear por ela”. <sup>3</sup>Disse o SENHOR a Satã: “Prestaste atenção a meu servo Jó? Porque não há ninguém na terra como ele, homem íntegro e reto, que teme a Deus e evita o mal; ele mantém-se apegado à sua integridade, apesar de me teres incitado contra ele, para o aniquilar sem razão”. <sup>4</sup>Então Satã respondeu ao SENHOR e disse: “Pele por pele; tudo quanto o homem tem dará por sua vida. <sup>5</sup>Contudo, estende tua mão, toca-lhe nos ossos e na carne, e verás se ele não deixa de bendizer-te em tua presença!” <sup>6</sup>E disse o SENHOR a Satã: “Pois bem, ele está em tua mão. Mas poupa sua vida!” <sup>7</sup>Então Satã saiu da presença do SENHOR e atingiu Jó com úlceras malignas, desde a planta do pé até o alto da cabeça. <sup>8</sup>Jó agarrou um caco para se raspar com ele, sentando-se no meio da cinza. <sup>9</sup>Então sua mulher disse-lhe: “Continuas apegado à tua integridade? Deixa de bendizer a Deus e morre!” <sup>10</sup>Contudo, ele disse-lhe: “Tu falas como uma das insensatas; se recebemos de Deus o bem, por que não recebemos o mal?” Em tudo isto, Jó não pecou com seus lábios.

27,16), que o ser humano aceita retirar a fim de evitar que o toquem em sua própria pele. Trata-se da própria pele, que se pretende resguardar, mesmo à custa da pele de outros. Trata-se de algo que representa o lugar de contato entre o ser humano e o exterior de si mesmo; é o lugar da relação social, de atração ou de repulsa. A expressão surge no contexto de um novo diálogo entre Deus e Satã, o qual não desiste e pede para levar ao extremo a prova da fidelidade de Jó: atingi-lo no próprio corpo. As palavras da mulher de Jó (v. 9) podem assumir diversas interpretações, entre elas a de constituírem um grito do amor ferido. Contudo, Jó permanece em uma fidelidade imbatível (v. 10), consentindo um combate contra o cansaço, a revolta e a obscuridade, que, longe de ser vão, é caminho de purificação e de introdução ao mistério de Deus.

# SALMOS

## INTRODUÇÃO

Na tradição cristã, o livro das orações do antigo Israel, de Jesus de Nazaré e da Igreja recebeu o nome de “Salmos”, palavra grega usada para traduzir o termo hebraico mais presente nos títulos colocados acima de diversas orações (ver, por exemplo, “mizmor” em Sl 3,1). O termo indica uma oração em forma de recitação poética, ou seja, cantada com o acompanhamento de instrumentos de cordas. A expressão grega “Saltério”, também utilizada pelos cristãos para o conjunto dos Salmos, refere-se ao instrumento musical “lira”. O povo judeu, no entanto, chama o livro dos Salmos de “louvores” (em hebraico “tehilim”), pois as muitas orações (Sl 72,20) em forma de lamentações, preces e súplicas irão resultar em um “louvor” múltiplo (Sl 150,6).

A numeração dos Salmos varia de acordo com suas antigas edições. A regra básica é de que o número maior sempre se refere à Bíblia Hebraica. A Septuaginta, tradução grega das Sagradas Escrituras de Israel, estabeleceu uma numeração diferente, sendo nisso seguida pela Vulgata, tradução latina do Antigo Testamento:

<i>Texto hebraico</i>	<i>Traduções grega e latina</i>
<i>Salmos 1-8</i>	<i>Salmos 1-8</i>
<i>Salmos 9-10</i>	<i>Salmo 9</i>
<i>Salmos 11-113</i>	<i>Salmos 10-112</i>
<i>Salmos 114-115</i>	<i>Salmo 113</i>
<i>Salmo 116,1-9</i>	<i>Salmo 114</i>
<i>Salmo 116,10-19</i>	<i>Salmo 115</i>
<i>Salmos 117-146</i>	<i>Salmos 116-145</i>
<i>Salmo 147,1-11</i>	<i>Salmo 146</i>
<i>Salmo 147,12-20</i>	<i>Salmo 147</i>
<i>Salmos 148-150</i>	<i>Salmos 148-150</i>

O livro dos Salmos revela elementos que indicam ser a obra organizada literariamente. Podem ser observadas quatro fórmulas doxológicas (Sl 41,14; 72,18-19; 89,53; 106,48) que, sem terem ligação direta com as orações das quais literariamente fazem parte, dividem o livro dos Salmos em cinco grandes partes, formando uma estrutura paralela ao Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio). Dessa forma, a tradição judaica compreende os Salmos como resposta que Israel dá à proposta feita na Torá. Além disso, observando os títulos dos Salmos, percebe-se a formação de grupos de orações. Cinco coleções são atribuídas a Davi (Sl 3-41; 51-72; 101-103; 108-110; 138-145). Doze Salmos (Sl 50; 73-83), voltados sobretudo à leitura teológica da história de Israel, são ligados a Asaf. Outros doze (Sl 42-49; 84-85; 87-88), com foco na importância teológica de Sião, são atribuídos aos filhos de Coré. Quinze Salmos formam um conjunto chamado Cantos das subidas (Sl 120-134), como orações provavelmente relacionadas às festas de peregrinação, quando o povo se deslocava até Jerusalém. Vale lembrar também o Halel Egípcio (Sl 113-118). Os dois primeiros Salmos (Sl 1-2) e os cinco últimos (Sl 146-150) estabelecem uma moldura em torno de toda a composição literária do livro.

Os Salmos podem ser classificados de acordo com determinados gêneros literários. Existem hinos, com os elementos característicos de um apelo, que convidam os ouvintes-leitores ao louvor, sendo depois apresentada a justificativa do louvor. Além disso, há lamentações individuais e coletivas, as quais apresentam uma invocação (muitas vezes com a menção do nome de Deus), a descrição do sofrimento (por vezes acompanhada de perguntas sobre a origem do mal) e a formulação da prece ou súplica; é possível que declarações de confiança ou promessas de louvor acompanhem as lamentações. As lamentações correspondem os cantos de ação de graça, nos

quais se narra, sobretudo, como Deus salvou o fiel ou a comunidade dos fiéis, suscitando nos últimos o agradecimento. Além disso, certas temáticas – por exemplo, a realeza do Senhor, a figura messiânica do rei de Israel, Sião, a história do povo de Deus ou a proposta de vida oriunda da sabedoria – dão origem à formação de paralelismos e, com isso, de grupos de textos no livro dos Salmos.

Quanto ao conteúdo, certas convicções e esperanças norteiam o conjunto dos cento e cinquenta poemas contidos no livro dos Salmos. Destaca-se a superioridade e a soberania do Deus de Israel. Contudo, se de um lado Deus é insondável, do outro a história se torna espaço e cenário da relação entre o Senhor e seu povo eleito, visto que esse relacionamento quer servir de experiência exemplar para a humanidade inteira. Sobre tudo, o evento do êxodo e a transformação dessa experiência de libertação em um projeto jurídico são oferecidos como modelo de fé e comportamento para todas as gerações. Com o êxodo, Deus revelou sua justiça. O Senhor, Deus de Israel, é por excelência aquele que se propõe fazer justiça a quem está sendo injustiçado. Isso, por sua vez, traz consequências para a vida cotidiana do fiel. Em especial, ao refletir sobre a estrutura do mundo e sobre a experiência do sofrimento e da morte, assim como sobre a possibilidade de encontrar a felicidade na vida, o homem se pergunta a respeito da existência de uma ordem divina, capaz de guiar quem procura orientação.

O texto aqui apresentado traz uma tradução dos Salmos segundo a Bíblia Hebraica. Prevaleceu, com isso, o princípio da fidelidade ao texto provavelmente mais original, mesmo que este, com suas dificuldades textuais em relação à forma e ao conteúdo, exija do ouvinte-leitor mais do que boa parte das traduções antigas e modernas exige. Para amparar os leitores, notas de rodapé mais extensas se propõem acompanhar, estrofe por estrofe, a lógica interna do que está sendo pensado em cada Salmo. Essas explicações se baseiam num

diálogo com os estudos exegéticos mais atuais. Em especial, vale lembrar os estudos amplos de Erich Zenger (†) e Frank-Lothar Hossfeld (†), biblistas alemães (Die Psalmen I; Psalm 1–50. Würzburg: Echter, 1993; Psalmen 51–100. 2. ed. Freiburg: Herder, 2000; Psalmen 101–150. Freiburg: Herder, 2008).

Além disso, é importante lembrar que os Salmos são textos poeticamente compostos. Os discursos diretos trabalham, em diversos momentos, com assíndetos, ou seja, sem conjunções ou conectivos explícitos. Multiplicam-se as imagens metafóricas, bem como expressões artísticas e arcaizantes. Repetições, sequências incomuns de palavras e frases, mas também figuras descritivas, ocupam os versos. A alternância de discursos nem sempre deixa claro quem os enuncia: ora se fala sobre alguém (ele/eles, terceira pessoa), ora se fala diretamente a este alguém (tu/vós, segunda pessoa), exigindo grande atenção para acompanhar as rápidas mudanças de pessoa e perspectiva (Sl 23). Além disso, as estrofes dos poemas são de tamanho irregular. Em vez de usar a rima, a poesia hebraica trabalha com diversos tipos de paralelismos. Poéticos, com sua linguagem enfática fundamentada nos paralelismos, nas metáforas e, sobretudo, no diálogo dramático, os Salmos parecem corresponder à experiência de fé que o orante é convidado a fazer, haja vista esta envolver as experiências do dia a dia em sua conversa com Deus.

Jesus de Nazaré acolheu os Salmos como orações em sua vida, especialmente nas controvérsias e durante sua paixão. Com dezenas de trechos diretamente mencionados nos escritos do Novo Testamento – alguns deles em diversos lugares –, o livro dos Salmos é o escrito veterotestamentário mais citado pelos autores neotestamentários. Além disso, existem centenas de alusões aos Salmos no Novo Testamento. Consequentemente, os Salmos se tornaram também a oração dos cristãos e da Igreja, fazendo parte da herança religiosa que originalmente pertence ao povo judeu.



**SALMO 1**

- 1 Feliz o homem que não andou conforme o plano dos perversos,  
não se colocou de pé no caminho dos pecadores  
e não se sentou no assento dos zombadores!
- 2 Pelo contrário, seu apreço é pela instrução do SENHOR:  
dia e noite sussurra a instrução dele.
- 3 Será como uma árvore  
plantada junto a canais de água,  
que dá seu fruto a seu tempo  
e cuja folhagem não murcha.  
Tudo o que faz terá êxito.
- 4 Não são assim os perversos:  
pelo contrário, são como a palha que o vento dispersa.
- 5 Por isso, os perversos não se levantarão no julgamento,  
nem os pecadores na comunidade dos justos.
- 6 Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos:  
o caminho dos perversos, porém, perecerá.

**SALMO 2**

- 1 Por que as nações ficaram inquietas  
e os gentios sussurram em vão?
- 2 Os reis da terra se posicionam,  
os dignitários conspiraram juntamente  
contra o SENHOR e contra o unguido dele:
- 3 “Rompamos suas amarras  
e arremessemos de nós suas cordas!”
- 4 Ri quem está sentado nos céus,  
o Senhor escarnece deles.
- 5 Depois lhes falará em sua ira  
e, com seu ardor, os assustará:
- 6 “Eu consagrei meu rei sobre Sião,  
o monte de minha santidade!”
- 7 Vou proclamar a prescrição do SENHOR,  
que me disse: “Tu és meu filho;  
hoje eu te gerei.
- 8 Pede-me, e darei as nações como tua herança,  
os confins da terra como tua propriedade!
- 9 Com um cetro de ferro as despedaçarás,  
como o vaso de um oleiro as quebrarás”.

1 Alguém é chamado de *feliz* (v. 1) ora por resistir aos perversos (“tramadores contra o justo e insistentes na queda do oprimido e pobre” [Sl 37,12.14]), aos pecadores (opostos à ordem divina) e aos zombadores (“arrogantes” [Pr 21,24], responsáveis por “rixas, litígios e humilhações” [Pr 22,10; 29,8]), ora por acolher a instrução (Torá) do Senhor (v. 2). Por isso, é bem-sucedido (v. 3). Os ventos da história, no entanto, dispersam os perversos (v. 4). Assim, as comunidades, com sua tarefa de promover julgamentos de acordo com os mandamentos de Deus, são formadas somente por justos (v. 5), uma vez que o Senhor ama o proceder destes últimos (v. 6).

2 Ocorre uma revolta dos povos não israelitas contra o Senhor e o unguido dele (vv. 1-3). Cabe a este último, rei de Israel, “temer o Senhor, seu Deus, e observar todas as palavras da lei” (Dt 17,19), para estar a serviço da justiça e da liberdade de todos (Sl 72,2). Esse projeto divino, porém, é avaliado de forma negativa pelos outros reis, os quais se sentem aprisionados por causa dele (v. 3). No entanto, prevalece a soberania do Senhor nos céus, o qual insiste na escolha de seu rei e de Sião, lugar de onde o consagrado por Deus deve governar (vv. 4-6). Além disso, também o rei messiânico depende da palavra do Senhor, porque é dela que lhe nasce a filiação divina, a entrega

# PROVÉRBIOS

## INTRODUÇÃO

**Autor, data e destinatário** O livro dos Provérbios é literalmente uma antologia da sabedoria tradicional de Israel, recolhida nos diversos ambientes da vida humana, acumulada e transmitida ao longo de séculos por uma cadeia de gerações. Em sua composição, o livro emerge composto com diferentes partes, que revelam de um modo natural as diferentes coleções que formam esta antologia sapiencial.

A edição final deste livro teve lugar, provavelmente, no início do período helenista (depois de 322 a.C.), sendo os editores finais sábios escribas, como mais tarde Sirácida/Eclesiástico ou os escritores de Qumrã. Tudo indica que diferentes grupos sociais produziram e utilizaram originalmente as diferentes seções do livro de forma independente. O trabalho final teria sido realizado por outro grupo que colecionou, aumentou e editou essas diferentes partes do livro de modo a constituírem um complexo e variado compêndio de sabedoria. Existe uma afinidade temática e de gênero com a longa lista de instruções do antigo Oriente Médio. Um exemplo é a seção das “palavras dos sábios” (Pr 22,17–24,22), que parece uma adaptação de partes da coleção egípcia “Instrução de Amenemope”, nomeadamente as instruções deixadas pelo pai ao filho, como um testamento régio.

O título “Provérbios” tem origem no termo latino “proverbia”, atribuído por São Jerônimo na tradução hoje conhecida como Vulgata, uma tradução direta do hebraico para o latim, que data do século IV. No mundo hebraico, o livro é conhecido por sua primeira expressão: “Provérbios de Salomão” (Pr 1,1). O termo “provérbio” sugere a ideia de “comparação”, embora muitas vezes indique uma maestria ou um conhecimento da realidade e seja utilizado para referir uma variedade de gêneros: instruções, advertências, parábolas, poemas e cantos (Nm 21,27; 23,7; Sl 49,5; Is 14,4; Ez 17,2; 21,5). A referência a Salomão é honorífica, dado não ter sido ele o autor real do livro, em sua forma atual, que

inclui de forma explícita coleções várias (Pr 25,1; 30,1; 31,1). No entanto, é possível considerar a hipótese de algumas partes do livro terem tido sua redação iniciada durante o reinado de Salomão, em uma associação com sua paradigmática figura de rei sábio (1Rs 3–4; 10), a quem tradicionalmente foram atribuídos não só Provérbios, como também Eclesiastes e Cântico dos Cânticos.

A origem deste tipo de literatura é extremamente difícil de datar. Os provérbios, sejam eles instruções ou admoções, emergem de uma relação com a vida e preservam uma sabedoria construída pela experiência que se foi consolidando no tempo. No entanto, existem algumas alusões no texto com base nas quais é possível propor uma datação para o conjunto do livro e para suas partes. É fato que, além de uma referência a Salomão (Pr 1,1; 10,1) e a Ezequias (Pr 25,1), não existam referências históricas específicas, e que o conteúdo do livro seja extremamente silencioso quanto aos grandes pilares da história de Israel (promessa aos patriarcas, aliança, êxodo, lei, dom da terra, exílio e seu regresso).

Os destinatários do livro dos Provérbios são de imediato certamente os jovens do povo de Israel, que, uma vez instalados na terra, necessitam de uma orientação consolidada na experiência e sabedoria dos anciãos. Confirma-o a expressão recorrente “meu filho”. Contudo, não se deve excluir que as diferentes coleções foram organizadas em um livro com o objetivo de apelar a todo o povo de Israel uma sabedoria prática, mas também no discernimento dos diversos apelos sob os quais se disfarça frequentemente a insensatez e o mal.

**Estrutura** O livro de Provérbios aparece organizado em diferentes partes que se autodelimitam por uma designação específica: provérbios de Salomão; instruções e advertências; palavras dos sábios; palavras de Agur e Lemuel. A especificidade da instrução oferecida em Pr 1–9 e 30,1–31 permite considerá-los como dois

extremos de uma construção concêntrica centrada no tema do temor a Deus (Pr 1,7; 31,30). Pr 1-9 é inteiramente dedicado à instrução parental sobre o valor da sabedoria (Pr 1,1-9,8). Abre-se com um prólogo sobre a finalidade do livro e de sua instrução (Pr 1,1-7) e prossegue com um conjunto de advertências contra os insensatos (Pr 1,8-19), as palavras proféticas da sabedoria (Pr 1,20-33), a procura da sabedoria (Pr 2,1-22), uma instrução sobre o temor ao Senhor (Pr 3,1-12) e sobre a sabedoria (Pr 3,13-35), umas palavras sobre a tradição e os caminhos da sabedoria (Pr 4,1-27), o adultério como insensatez e o casamento como sabedoria (Pr 5,1-23), o dinheiro, a preguiça, o bem e o mal (Pr 6,1-19), uma instrução contra o adultério (Pr 6,20-35), uma metáfora sobre a sedução e a morte (Pr 7,1-27), um discurso da sabedoria (Pr 8,1-36) e a metáfora das duas casas (Pr 9,1-18).

O interior do livro constrói-se a partir de diversas coleções de provérbios, centrados em uma sabedoria essencialmente prática. A primeira coleção a ser referenciada é a de “provérbios de Salomão” (Pr 10,1-22,16): um conjunto de provérbios (Pr 10,1-15,33) em forma de antítese (Pr 10,1-8) sobre o bem e o mal (Pr 10,9-32; 11,1-31), sobre aqueles que amam a instrução e o conhecimento (Pr 12,1-28), a escuta do conselho sábio (Pr 13,1-25), a mulher sábia que constrói sua casa (Pr 14,1-35) e outras advertências (Pr 15,1-33); um segundo conjunto de provérbios relacionados com a realeza (Pr 16,1-22,16), tendo uma introdução (Pr 16,1-33), algumas palavras sobre a paz e a serenidade (Pr 17,1-28), a declaração de que o insensato não possui nenhum prazer no conhecimento (Pr 18,1-24), o homem cujo caminho é irreprensível (Pr 19,1-29), os perigos das bebidas (Pr 20,1-30), a declaração de que o Senhor é quem pesa o coração (Pr 21,1-31) e uma última conclusão (Pr 22,1-16).

Esta coleção de provérbios é interrompida por uma outra designada como “palavras dos sábios” (Pr 22,17-23,14), também ela interrompida por um conjunto de instruções e advertências (Pr 23,15-24,22). Em Pr 24,23-34, o texto retoma a designação de “palavras dos sábios” e, em 25,1-29,27, uma longa seção reinicia o conjunto de provérbios de Salomão, dedicando uma longa exposição a provérbios sobre a corte, sobre os insensatos e sobre os amigos (Pr 25,1-27,27), uma comparação entre Deus e o rei (Pr 25,1-28), o insensato (Pr 26,1-28), a amizade e seus paradoxos, o

cuidado do que é seu (Pr 27,21-27), terminando com um conjunto de provérbios sobre a justiça e a lei (Pr 28,1-29,27). Em Pr 30,1-33, surge um conjunto de provérbios designado por “palavras de Agur” e um segundo por “palavras de Lemuel” (Pr 30,1-19). São conjuntos relativamente breves e parecem remeter a uma sabedoria recolhida e adaptada pelos sábios de Israel. O livro finaliza-se com um poema acróstico à “mulher forte” (Pr 31,10-31), que retoma a centralidade do tema do temor a Deus afirmada no início da obra.

**Principais temas** Os sábios conhecem o modo como as coisas são ou devem ser e possuem o sentido do que é justo e do que é errado. Curiosamente, os provérbios podem ser contraditórios nas palavras e em sua aplicação, porque são aplicados a diferentes pessoas e situações. Por exemplo, a afirmação “quando o dinheiro fala, a verdade se cala” tem um sentido diferente para um rico e para um pobre. O mesmo acontece com a relação ato-consequência. O princípio básico é de que uma vida justa produz riqueza, enquanto a insensatez produz pobreza, desgraça e até morte (Pr 1-15), porque Deus fez um mundo com sabedoria e é fiel a seus princípios. Contudo, existem exceções, que nem sempre o sábio entende: o malvado pode prosperar, e o justo, sofrer injustamente.

Os escritores-editores do livro dos Provérbios consideram claramente que o Deus que criou a sabedoria é o Deus de Israel, o Senhor. Isso está bem evidente nas inúmeras referências a Deus em que se utiliza o tetragrama, traduzido como “SENHOR”, embora emergam aspectos comuns entre o Deus de Israel e os deuses de outros povos, sendo esta uma questão que não é exclusiva nem do livro dos Provérbios nem do conjunto dos demais livros sapienciais.

O objetivo do livro dos Provérbios é ajudar cada pessoa a tornar-se sábia e piedosa (Pr 1,2-7), e os colecionadores das diferentes coleções que compõem o livro estão conscientes da necessidade de uma sabedoria baseada no “temor ao SENHOR”, para adquirir a própria sabedoria do agir em todas as circunstâncias da existência (Pr 2,1-6; 8,9). À semelhança das culturas tradicionais, também aqui – real e figurativamente – o pai e a mãe, professores e líderes transmitem sua própria experiência e sabedoria ancestral a seus “filhos” (Pr 1,8; 4,3-4; 6,20; 31,1). É essa sabedoria que o livro dos Provérbios recolhe

e apresenta, convidando a percorrer os caminhos da sabedoria e do “temor ao SENHOR”. Embora muitos encontrem nos provérbios um senso comum, com o qual é fácil estabelecer uma grande interação, a verdade é que existem muitas dificuldades no livro, cujo mundo, cultura e linguagem são antigos e estranhos. Um exemplo é sua orientação e diálogo permanente com o gênero masculino (“meu filho”). Certamente que os pais, em Israel, também instruíam as filhas, mas essa nota está completamente ausente no livro, refletindo uma cultura inteiramente patriarcal, que requer um conhecimento e uma abertura a um outro tempo e a um outro modo de entender a vida e o mundo.

Entre os temas dominantes, situa-se o da sabedoria, do sábio e do insensato. Em Pr 1-9, a sabedoria apresenta-se repetidamente como fonte de vida (Pr 1,33; 3,18; 8,35; 9,6). A vida enquanto felicidade, sucesso e alegria; realização plena da existência nesta terra. Os provérbios que se oferecem pretendem ser uma autêntica escola de educação para a vida. Encontrar a sabedoria significa reencontrar a árvore da vida, aparentemente perdida no momento de expulsão do paraíso (Gn 2,22-24). Os seres humanos definem-se, em primeiro lugar, por sua relação com a sabedoria. É sábio aquele que aceita segui-la (Pr 10,23), que reflete (Pr 13,16) e que é prudente (Pr 11,12); nesse sentido, o sábio não é aquele que se limita a obedecer à lei mosaica, mas sim aquele que vai aprendendo a discernir e a agir em um contexto de relação permanente com Deus. Juntamente com o sábio, o justo é igualmente alguém que supera uma simples obediência à lei (Sl 1,1-5; 37,30-31), para assumir um comportamento que o compromete em uma relação também com seu próximo (Pr 29,18). Enquanto o insensato se define pelo que se compraz em realizar o mal (Pr 10,23) e vive em uma recusa permanente do discernimento do bem (Pr 12,15; 13,20).

Um outro tema de grande relevância é a figura de Deus. Não há dúvida de que se trata do Deus Senhor, o Deus da fé de Israel, ainda que exista uma tentativa de reduzir a dimensão religiosa dos provérbios e do livro a um monoteísmo ético, onde a fé de Israel parece reduzir-se às dimensões de uma vida humana individual. No entanto, ao colocar-se a centralidade do temor ao Senhor como o princípio da sabedoria, os sábios deixam bem claro que nenhuma sabedoria humana é possível se Deus não a concede. Para o autor,

Deus não se entende fora de sua realidade de Criador. Somente o reconhecimento da obra criadora de Deus consente aos sábios dos Provérbios serem otimistas sobre a possibilidade de compreender a realidade. Esse acento na teologia da criação permite rerever o livro no interior da fé de Israel, onde os sábios se enraizam. A atitude positiva dos sábios enraiza-se igualmente em uma certeza de que Deus permeia o justo e pune o malvado (Pr 5,21-22; 14,26-27). Embora a intervenção de Deus a favor do justo ou a punição do malvado não devam ser entendidas como uma decisão mecânica de um tribunal celeste que distribui prêmios ou punições aplicando um código rigoroso, a verdade é que os sábios do livro dos Provérbios supõem sempre uma relação estreita entre a ação humana e seu resultado positivo ou negativo (Pr 10,4; 26,27). O agir de Deus é considerado, por eles, algo que acompanha o agir humano (Pr 10,28-29). Por isso, não causa surpresa a importância que o sábio atribui às virtudes humanas. A afirmação de que existe uma ordem no mundo e de que o sábio a pode compreender reflete-se na vida cotidiana de todos os seres humanos e no comportamento sábio que ele é chamado a viver. O ser humano é convidado a inserir-se na ordem cósmica e social e simultaneamente a colaborar na criação com seu próprio comportamento justo: a estar atento à sua língua (Pr 10,11.13.14.19.20); à ira e moderação (Pr 19,19; 22,24-25; 27,3-4); à humildade e ao orgulho (Pr 15,33; 16,18); à preguiça e ao trabalho (Pr 10,4-6; 12,11; 26,13-16); à amizade e bondade (Pr 10,12; 17,17; 27,9-10); à lealdade e ao engano (Pr 6,12-15; 12,22).

Em Pr 1-9 e 31,10-31, a sabedoria aparece personificada em uma figuração feminina oposta à figuração igualmente feminina da insensatez. Nela, o ser humano e Deus encontram-se. Ela foi criada por Deus como a primeira de todas as criaturas (Pr 8). Mais do que obedecer a uma lei divina, a felicidade do ser humano está em acolher uma palavra que lhe vem de Deus mediante a criação e a sabedoria. Só ela é capaz de oferecer um sentido à vida inteira do ser humano e de o tornar capaz de ler sua própria experiência do mundo e de encontrar-se com seu Criador.

**Intertextualidade com o Novo Testamento**  
O Novo Testamento utiliza com bastante frequência o livro dos Provérbios. E o faz sobretudo a partir da versão grega da LXX. Um exemplo significativo é a sabedoria personificada, tal como



## INTRODUÇÃO

Is

O profeta Isaías dá origem a uma obra denominada “Visão de Isaías, filho de Amoz, que viu sobre Judá e Jerusalém” (Is 1,1), formando três volumes provenientes de contextos diferentes: (a) Proto-Isaías ou Isaías I (Is 1–39): uma coletânea de ditos do profeta do século VIII a.C., no período assírio; (b) Dêutero-Isaías ou Isaías II (Is 40–55): poemas de salvação de um profeta anônimo do século VI a.C. no fim do exílio babilônico; (c) Trito-Isaías ou Isaías III (Is 56–66): anúncios de salvação e repreensões de um profeta interpretando e atualizando o Dêutero-Isaías para a Jerusalém pós-exílica e sua comunidade, na segunda metade do século VI a.C., no período persa. Cada uma das partes foi enriquecida com adendos atualizadores em épocas posteriores.

### PRIMEIRA PARTE: PROTO-ISAÍAS (1–39)

**Autor, data e destinatário** O profeta Isaías, filho de Amoz, cujo nome em hebraico significa “o SENHOR ajudou” ou “o SENHOR é ajuda”, é surpreendido pela vocação para a missão profética, nada pacífica, em uma teofania no templo de Jerusalém no ano da morte do rei judaíta Ozias em 740 a.C. (Is 6,1-13). Isaías, casado com uma profetisa (Is 8,3), tem dois filhos com nomes que simbolizam desgraça iminente para quem declarou guerra contra Jerusalém, a coalizão siro-efraimita e suas respectivas capitais, a Samaria e Damasco: Sear-Iasub (Um-Resto-Voltará! Is 7,3) e Maher-Salal Has-Baz (Correndo-ao-Saque-Apressando-se-ao-Roubo! Is 8,1). Para Jerusalém, seu rei e sua gente, é palavra de salvação, embora condicionada a uma postura adequada (Is 7,9). Seus ditos proféticos atestam uma atuação que se estenderá até o ano de 701 a.C. (Is 22,1-14). Ele foi testemunha de tempos de profundas mudanças no cenário da história da Síria-Palestina do século VIII a.C. Os governos judaítas de Acaz (734-727 a.C.) e Ezequias (727-698 a.C.) têm de administrar

nada menos que três invasões do Império Assírio na região, ora submetendo-se a pesadas condições de vassalo, ora resistindo, junto com reinos vizinhos, às severas imposições e à perda de independência.

O acesso direto de Isaías ao rei (Is 7,3), seu domínio da linguagem política, seu conhecimento das relações exteriores de Judá, buscando alianças com o Egito, a Assíria e vizinhos (Is 28,14-22; 30,1-5), revelam-no pertencente à elite intelectual. Além disso, evidencia-se conhecedor das tradições religiosas de Sião/Jerusalém (Is 1,21; 6,1) e da ideologia da dinastia davídica (Is 29,1), há séculos no poder em Judá. No início de sua atuação, assessora o rei Acaz na prática política (Is 7,3-9), anunciando desgraça em nome de Deus para os adversários, vindos do norte: arameus e israelitas. Quando percebe que a corte e a camada dirigente de Jerusalém não ouvem sua conclamação a firmar-se em Deus, aquele que sustenta a casa real davídica (Is 7,9), o profeta sobe o tom também em relação a eles, sendo igualmente ameaçados com uma intervenção divina (Is 7,13; 28,14). A razão política faz o rei Acaz, em 734 a.C., optar pela submissão aos invasores assírios, comprometendo-se a pesados tributos que o reino de Judá terá de enviar regularmente a Nínive, a capital assíria (2Rs 16,7-9).

#### Estrutura

- 1–12 Pronunciamentos sobre Judá e Jerusalém
- 13–23 Pronunciamentos sobre as nações
- 24–27 Perspectivas apocalípticas
- 28–33 Pronunciamentos finais de Isaías e perspectivas de salvação
- 34–35 Breve perspectiva escatológica
- 36–39 Apêndice narrativo

Os ditos de Isaías podem ser agrupados em torno de quatro períodos críticos: (a) o tempo da guerra siro-efraimita em 734/3 a.C. (Is 6–8) e da crise social interna

que a antecede (Is 1-5; 10,1-3); (b) o tempo da invasão do reino do norte e da queda da Samaria em 722 a.C. (Is 28,1-3); (c) o tempo das insurreições a partir de Asdod/Filisteia contra a Assíria em 712/11 a.C. (Is 20); (d) o tempo da invasão dos assírios em 701 a.C., escapando apenas Jerusalém (Is 22,1-14; 28-30). Em olhar retrospectivo, relatando sua vocação, seus anúncios são preponderantemente comunicações que sabem de ações divinas destruidoras, intervindo para punir seu protegido reino de Judá (Is 6,9-11).

Os destinatários de seus pronunciamentos são: a corte e os dirigentes (Is 7,13; 28,14; 30,4), poderosos proprietários de terras e casas (Is 5,8-10), administradores da justiça (Is 10,1-3); os líderes religiosos (Is 28,7) e o povo de Jerusalém (Is 22,1) e do interior de Judá. Seus pronunciamentos encontram ouvintes resistentes, que logo se configuram em adversários. Suas palavras recusadas são registradas por escrito e confiadas a um círculo de discípulos e confidentes (Is 8,16-18), apostando que o tempo dará razão ao profeta, portador de desgraça, quando no futuro o anunciado se realizar.

**Principais temas** Isaías de Jerusalém talvez tenha sido o primeiro profeta a desenvolver o alcance do tema da fé, do crer como “firmar-se em” Deus, o rei (dos deuses), o santo, que tem sua morada terrena em Sião, no templo de Jerusalém (Is 6,1). Aquele, que firmou para sempre a dinastia reinante em Jerusalém (2Sm 7,16; Is 7,9b; 29,1), não é co-nivente com o reinado que substitui seu Deus na prática política firmando-se no invasor da Assíria (Is 8,6-8) ou aliando-se ao Egito (Is 20; 28,14-22; 30,1-5).

No plano interno, o profeta diagnostica uma sociedade desigual (Is 1-5; 10); o Deus de Sião, que trouxe “justiça e direito” para sua cidade e terra, é negado quando a camada dirigente priva seus concidadãos indefesos desses bens imprescindíveis, materializados no acesso dos empobrecidos à terra, casa e vida comunitária plena (Is 1,21-24; 3,12-15; 5,1-7.8-10; 10,1-3). Um convívio social, na capital e no interior de Judá, que tolera tamanha agressão tem seus dias contados (Is 5,7).

O profeta, a serviço do Deus santo, rei, sublimado, morador do Sião (Is 6,3), é incumbido de apontar para tudo que nega a soberania e divindade desse Deus nas diferentes esferas do poder religioso, político, econômico e bélico. Esperar ajuda e salvação dessas grandezas e esquecer-se de Deus só pode levar à perdição.

A arrogância humana, com seus símbolos de ostentação, poder e domínio, encontrará a resistência do Deus que afirma sua realeza sobre o mundo e a história a partir do Sião (Is 2,11-17). As palavras de Isaías se confirmaram, conforme notas redigidas por discípulos distantes (Is 3,8; 5,13-14), a partir da queda de Jerusalém e do exílio babilônico (587 a.C.); serviram de ajuda para viver e sobreviver em meio às maiores crises, apontando para as causas da catástrofe (Is 1,1-9; 1,21-23; 5,7). Em Isaías, às palavras de desgraça (Is 6,9-11) seguem-se palavras promissoras de tempos de salvação, anunciando a chegada do rei da paz (Is 9,1-6) e do governante de direito e justiça (Is 11,1-8; 32,1-8). O que Isaías denunciou como práticas ausentes, os poemas messiânicos e anúncios de salvação o afirmam como definitivamente presentes: bem-estar, justiça e salvação.

Em tempos ainda mais tardios, conjuntos inteiros são anexados ao legado isaiânico: Is 24-27 (apocalipse “isaiânico”) e Is 36-39 (narrativas sobre Isaías e a inviolabilidade de Jerusalém, a cidade do Deus do Sião).

## SEGUNDA PARTE: DÊUTERO-ISAÍAS (40-55)

**Autor, data e destinatários** A porta de entrada para a segunda parte do livro dá-se com Is 40, e a tônica dos poemas que se seguem até Is 55 está na inauguração de novos tempos para os destinatários que estão vivendo como comunidade no exílio babilônico, dois séculos após a atuação do Isaías de Jerusalém. O emissário profético, cuja linguagem poética lembra o cantor dos salmos em cultos emergenciais em terra estranha, na longínqua Babilônia, sabe-se vocacionado desde uma audição, tornando-se testemunha de ações divinas iminentes em prol do Israel exilado (Is 40,1-11). O profeta anônimo, conhecido pelo nome artificial de Dêutero-Isaías ou Segundo Isaías, dirige-se aos descendentes dos deportados de 587 a.C., vivendo fora da terra de Israel e Judá, sem sua estrutura estatal própria e com Jerusalém e seu templo em ruínas. Suas proclamações aconteceram na última década do Império Babilônico (550-540 a.C.). As campanhas vitoriosas do rei persa Ciro II são um sinal importante de que o cenário mundial está para mudar, sendo ele citado duas vezes nos poemas do profeta (Is 44,28; 45,1) e desempenhando um papel de destaque na mensagem desse profeta, essencialmente anunciador de salvação.

**Estrutura**

- 40,1-49,13 Fim do exílio de Israel e seu retorno à liberdade
- 49,14-55,13 Sião à espera de seus filhos exilados e dispersos
- [Cantos do servo do Senhor: (a) 42,1-4; (b) 49,1-6; (c) 50,4-9; (d) 52,13-53,12]

Os poemas estão emoldurados por duas afirmações sobre a Palavra de Deus, cuja validade e eficácia querem ser verificadas ao longo do escrito. A da entrada destaca que a palavra fica “em pé para sempre”, enquanto qualquer outra grandeza é efêmera e transitória (Is 40,6-8). A segunda define a palavra como força vital, desencadeadora de todas as ações de Deus, visando pôr seu povo em marcha rumo à liberdade (Is 55,10-11). Os diferentes recursos retóricos e didáticos querem demonstrar a veracidade e confiabilidade da proclamação: debates com a comunidade recitente e incrédula (Is 40,27-31); oráculos de salvação dirigidos a ouvintes desesperançados por intermédio do “Não temas” (Is 41,10.14; 43,1); discursos de tribunal imaginados entre o Deus de Israel e os povos (Is 41,1-5) ou seus deuses (Is 41,21-29).

**Principais temas** O profeta encontra resistência e ceticismo junto a seus ouvintes ao entregar a boa notícia (Is 43,18; 53,1) do perdão, do fim do exílio, do retorno à terra (Is 40,1-11; 43,25) e da reconstrução de Jerusalém e seu templo (Is 44,28). O Deus do pequeno Israel/Jacó deportado (Is 42,14) demonstra sua divindade ao abrir as portas da liberdade para seu povo e evidencia a nulidade dos deuses tutelares do Império Babilônico, que não têm uma palavra eficaz e libertadora para anunciar (Is 41,23).

Esse debate inspira a crítica à idolatria em tempos tardios em forma de adendos (Is 40,18-20; 44,9-20).

Ao Israel vivendo a condição de exilado, de sem-terra e de sem Estado, Deus se apresenta como criador, primeiramente como “criador de Israel” (Is 43,15) e, depois, como “fazedor de tudo isso” (Is 45,7); fazendo “coisa nova” (Is 43,19), revela-se como “resgata-dor” de Israel, como de escravo por dívidas (Is 43,1.3) e como quem organiza a saída de seu povo da Babilônia tal qual o fez outrora libertando-o do Egito (Is 42,7; 43,1-2; 48,20; 52,11-12).

Um destaque especial recebem os poemas ou hinos ou cantos do servo do Senhor (Is 42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12); eles descrevem a nova missão confiada ao Israel a ser

liberto ou já libertado, como parceiro de Deus na história dos povos (Is 42,1-4); nem precisa mais da mediação de um Ciro (Is 45,4). Quando o coletivo, o Israel exílico e pós-exílico, não se deixa conquistar por essa tarefa (Is 49,3-6), o profeta é incumbido ou um grupo menor assume a missão de representar os interesses de Deus junto a seu povo e em meio aos povos, sofrendo resistência e perseguição (Is 50,4-9; 52,13-53,12).

### TERCEIRA PARTE: TRITO-ISAÍAS (56-66)

**Autor, data e destinatários** Is 56-66 trata de desafios e crises da cidade e de sua comunidade em Jerusalém no pós-exílio. Há textos muito próximos ao Dêutero-Isaías (40-55) anteriores à reconstrução do templo, datados de aproximadamente 538 a.C.; outros pertencentes a discípulos seus do tempo da reedificação do segundo templo (515-520 a.C.); outros, ainda mais tardios, do tempo de Neemias/Esdras, versando sobre seus problemas culturais e sociais (450-398 a.C.), chegando até o século III a.C.

**Estrutura**

- 56,1-59,21 Grupos antagônicos lutam por espaço
- 60-62 Tempos de salvação para Jerusalém e tarefa profética
- 63,1-65,25 Lamento e súplica do povo e resposta divina
- 66,1-24 Fiéis e perversos na comunidade e no mundo dos povos

Um conjunto desses textos forma o escrito básico (Is 57,14-19; 60-62; 66,10-14), que remonta a um discípulo do profeta exílico, Dêutero-Isaías, atuando nos primórdios do reassentamento em Jerusalém de levitas judeus que retornaram da Babilônia a partir de 538 a.C. Outros preferem chamá-lo de profeta-intérprete das palavras ou dos textos do Dêutero-Isaías, que desencadearam o movimento de retorno do exílio.

**Principais temas** No núcleo básico do escrito está a salvação reafirmada para Jerusalém e para seu povo desesperançado (Is 57,14-19), e isso de forma incondicional (Is 60,1-18; 61,1-3). Se alguém deve ser ameaçado, então que seja a nação que estiver dificultando a revitalização da cidade (Is 60,12).

A realidade desoladora da cidade e do templo em ruínas suscita novas perguntas

inquietantes: quando finalmente vai se materializar o que foi anunciado? Apenas uma mudança de mentalidade, atenta à justiça e ao direito, pode abrir as portas da cidade para a chegada da presença salvadora de Deus (Is 56,1; 58,8). Assim o evidenciam as palavras de ameaça à camada dirigente (Is 56,9-12) e aos que só cuidam dos próprios interesses (Is 58,3-8).

Construir ou não construir um templo para o Deus, que entretentes se tornou único e universal, é questão polêmica na comunidade pós-exílica? Profetas como Ageu (Ag 1,7-11) e Zacarias (Zc 4,8-9) acham a obra imprescindível como sinal da presença de Deus no mundo a partir de Sião; do círculo profético em torno do Trito-Isaías vem a certeza de que Deus, além de estar entronizado em lugar celestial inacessível, habita junto ao que se volta para ele em arrependimento e põe-se a escutar sua palavra (Is 57,15; 66,1-2). Mesmo assim, o segundo templo é erguido entre 515 e 520 a.C.

E os estrangeiros e eunucos poderão ser excluídos da comunidade, como no tempo de Neemias (Ne 13) e Esdras (Esd 10)? A profecia interpretativa interdita tal prática sacerdotal e defende para eles até um lugar de honra no templo (Is 56,2-8).

Uma nova releitura afina ainda mais o discurso profético, distinguindo na própria comunidade fiéis e ímpios (Is 57,3-13; 59,1-20), mas também entre os povos a mesma distinção é feita (Is 56,5; 66,18-21); do círculo profético vem a ousada afirmação de que Deus elege dentre eles sacerdotes para seu serviço. O lamento e a resposta divina (Is 63-64) podem referir-se a efeitos das guerras sírias sobre Jerusalém no século IV/III a.C., quando helenistas (ptolomeus versus selêucidas) disputam a hegemonia sobre o corredor sírio-palestinese.

#### **Intertextualidade com o Novo Testamento**

As antigas comunidades judaicas e cristãs leem a trilogia isaiana como um só livro; as inúmeras citações diretas e indiretas no

Novo Testamento (Lc 4,17; At 8,28) o evidenciam. Os textos selecionados da primeira parte concentram-se nas porções salvíficas e messiânicas (Is 7,10-17; 9,1-6; 11,1-5.6-8; 32,1-8) para servirem de textos comprovatórios para o evento salvador de Jesus Cristo, testemunhando-o como Messias/Cristo (Mt 1,23; Lc 1,32.79; Jo 1,32; Rm 15,12), aquele que traz graça e paz sem fim. É do Dêutero-Isaías e do Trito-Isaías que provém boa parte da nomenclatura para descrever a novidade evangélica proclamada pela comunidade cristã primitiva: Evangelho, evangelizar, reinado de Deus (Is 40,9; 52,7 || Mc 1,14-15; Rm 10,15; Is 61,1-3 || Lc 4,16-20); justiça de Deus/salvação (Is 51,5; 56,1; 62,1 || Rm 1,17); fé, crer (Is 7,9; 28,16 || Rm 9,33; 10,11); santo, santidade e tornar-se santo (Is 6,2-3; 41,14 || Ap 4,8); Deus entronado (Is 6,1 || Ap 4,2.9; 5,1). A mensagem cristã, alcançando o mundo dos povos (Lc 2,32), encontra respaldo em referências dêutero-isaianicas (Is 42,6; 49,6; 52,10). São especialmente os cantos do servo do Senhor que recebem uma leitura cristológica (Is 42,1-4 || Mt 12,18-21; Mc 1,11; Is 53,12 || Lc 22,37; Rm 4,25). A leitura seletiva que o Novo Testamento faz do livro de Isaías evidencia a mesma ênfase nas palavras da salvação que redatores tardios fizeram seguir ao anúncio de desgraça de seus antecessores. O todo do livro ganha sua unidade a partir da mensagem da presença de Deus e de sua salvação no mundo a partir de Sião. Sua ausência e seu distanciamento da cidade e de seu povo também podem ser lamentados, porque os moradores de Jerusalém a afugentaram (Is 1,21-24; 8,17; 22,14). A atuação salvadora pode ser aguardada ansiosamente, apesar de uma realidade que o desmente (Is 40,27; 62,1-9); outras vezes ela pode ser anunciada como iminente a uma comunidade que precisa ser conquistada para essa novidade (Is 41,8-13.14.16; 43,18-19). Não faltam textos que exaltam sua presença perceptível na realidade histórica (Is 9; 12; 52,7-12; 66,10-14).



# Oseias

## INTRODUÇÃO

**Autor, data e destinatário** O nome “Oseias” significa “o SENHOR é salvador” ou “o Senhor traz a salvação”. De sua vida, conhecemos apenas os dados a respeito de seu matrimônio (capítulos 1–3). Para a maioria dos estudiosos, os relatos estão baseados em fatos reais, mesmo quando carregam denso sentido simbólico. Oseias era oriundo do reino do norte e exerceu neste território sua missão. Seu anúncio dirige-se preponderantemente ao reino do norte (denominado por vezes Efraim) e demonstra minucioso conhecimento da situação política, social e religiosa dessa nação. Cita frequentemente a cidade da Samaria e os centros de culto de Betel e Guilgal.

O período de sua atividade profética (Os 1,1) abrange o tempo de prosperidade do reinado de Jeroboão II (787/3-747/3). Mas vai além e alcança os anos finais do reino do norte, marcados pela instabilidade da monarquia. Não se pode indicar com precisão se chegou à queda da Samaria (722/1).

**Estrutura** Após o título (Os 1,1), o livro está organizado em duas grandes partes. Os três primeiros capítulos giram em torno da metáfora matrimonial e alternam palavras de juízo e de salvação. Com isso, desde o início o leitor tem conhecimento da mensagem global do escrito: a punição não é a última palavra de Deus; o Senhor está pronto a perdoar e prepara ao povo um futuro favorável.

A segunda parte compreende os capítulos 4 a 14, que abordam vários temas. Depois da introdução (Os 4,1-3), têm lugar acusações contra o culto e os sacerdotes (Os 4,4–5,7), apresentadas em duas seções paralelas (Os 4,4-19 e 5,1-7). De Os 5,8 a 9,9, embora continue o interesse pelo sacerdócio e o culto, o tema predominante é a fraqueza da monarquia na condução da nação. Também aqui há duas seções paralelas (Os 5,8–7,16 e 8,1-14), que são finalizadas pela síntese de Os 9,1-9. A partir de Os 9,10, as acusações aludem mais claramente a fatos da tradição histórica de Israel, para, a partir deles, mostrar que o povo

é pecador já desde o início de sua entrada em Canaã. As acusações e ameaças são interrompidas brevemente em Os 11,10-11 e culminam na grandiosa perspectiva de futuro de Os 14,2-9. Esta palavra salvífica transforma a condenação anterior em fase provisória do agir divino, com vistas a fazer Israel retornar à fidelidade ao seu Deus e a seus bens salvíficos. A sentença sapiencial que fecha o livro (Os 14,10) faz o leitor pensar sobre os caminhos de Deus para com seu povo, um Deus que com profundo amor se debruça sobre Israel e, apesar da infidelidade do povo, busca constantemente abrir-lhe a porta da salvação.

Em esquema:

- 1,1 Título
- 1,2–3,5 *1ª parte: O matrimônio como símbolo*
- 1,2-9 O nascimento dos filhos como anúncio de juízo
- 2,1-3 Promessa de restauração
- 2,4-25 Separação, busca de reconciliação, novas núpcias
- 3,1-5 Amor, pedagogia, promessa
- 4,1–14,10 *2ª parte: De ameaças e condenação à salvação*
- 4,1-3 Introdução: O Senhor abre um processo contra Israel
- 4,4–5,7 Pecados culturais em duas séries (4,4-19; 5,1-7)
- 5,8–9,9 Pecados políticos em duas séries (5,8–7,16; 8,1-14) e síntese (9,1-9)
- 9,10–14,1 Retrospectivas históricas (9,10-17; 10,1-15; 11,1-11; 12,1-15; 13,1–14,1)
- 14,2-9 Exortação à conversão e anúncio de salvação
- 14,10 Palavra sapiencial final

**Principais temas** Característico do profeta é o uso de fortes imagens para se referir a Deus (Os 5,12.14; 13,7.8). São recursos que enfatizam a santidade, a exclusividade e o poder de Deus. A metáfora matrimonial é a principal e dá o tom do livro, apresentando o Senhor como um

esposo fiel, traído, contudo, pela esposa-Israel (Os 2,15). Deus, porém, é também o pai negligenciado que se inclinara para o filho e dele cuidara com todo o amor (Os 11,1-4).

Partindo-se dessa concepção de Deus, a noção de pecado deriva, como em nenhum outro profeta, diretamente da relação de amor. Mais do que transgressão dos mandamentos (Os 4,1-2), o pecado é ruptura do amor (Os 2,7). As faltas de Israel são vistas, nesse sentido, como “prostituição” (Os 2,4; 5,4). Israel andou atrás de “amantes” (Baal [Os 2,7.9]), afastando-se de Deus (Os 1,2; 7,13). Nesse contexto, o ponto central da teologia do livro é o conhecimento de Deus: um conhecer não só intelectual como também de íntima comunhão. Os principais acusados são os sacerdotes, que negligenciam sua tarefa de instruir o povo (Os 4,1.6; 6,6).

As faltas que estão no centro da condenação feita por Oseias pertencem ao âmbito cultural: o recurso à religião cananeia (Os 2,4-15; 4,10-14), o sincretismo (Os 4,17), mas igualmente o culto ao Senhor sem verdadeira relação com Deus (Os 5,6; 6,6; 8,5; 10,5). Também a monarquia é acusada, seja por sua política interna (Os 10,3.15; 13,10-11), seja sobretudo pela política de alianças com estrangeiros (Os 5,8-14; 7,11-12). Somente em poucos textos Oseias fala do pecado no âmbito da justiça social (Os 4,2; 12,8).

Com base no amor divino é que podem ser mais bem compreendidos os oráculos de condenação presentes no livro. Como esposo traído, Deus tem o direito de pôr fim à sua relação salvífica para com Israel: “Não continuarei a amá-los” (Os 9,15). A restauração da relação quebrada só se pode dar, então, segundo a própria santidade de Deus e segundo seu amor fiel (Os 11,8-9). Somente pela misericórdia de Deus o povo poderá ter ainda uma chance (Os 14,2-9). A partir das promessas de salvação, a punição divina adquire valor pedagógico, instrumento por meio do qual Deus quer purificar seu povo.

**Intertextualidade com o Novo Testamento** A alegoria matrimonial que Oseias parece ter inaugurado, além de ser retomada em outros escritos veterotestamentários, está presente também em concepções teológicas do Novo Testamento (Jo 3,29; Ap 19,7; 21,2, dentre outros) e é talvez a contribuição mais relevante do profeta. Este livro, porém, é ainda citado e aludido diversas vezes no Novo Testamento. Os textos mais claros são Mt 2,15 (Os 11,1), Mt 9,13 e 12,27 (Os 6,6), Rm 9,25-26 (Os 2,1-2; 1,10), 1Pd 2,10 (Os 2,23), assim como 1Cor 15,55 (Os 13,14), Lc 23,30 e Ap 6,16 (Os 10,8). Menos evidente é a influência de Os 4,3 em Rm 8,20. Discute-se também se a menção do “terceiro dia” em Os 6,2 está por trás da referência à Escritura em 1Cor 15,4.



**1** Título 1 Palavra do SENHOR que foi dirigida a Oseias, filho de Beerí, nos dias de Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel.

### O MATRIMÔNIO COMO SÍMBOLO

O nascimento dos filhos como anúncio de juízo 2 Início do falar do SENHOR através de Oseias.

Disse o SENHOR a Oseias: “Vai, toma para ti uma mulher de prostituição e filhos de prostituição, porque a terra se pros-

titui profundamente, afastando-se do SENHOR!” 3 Ele foi e tomou Gomer, filha de Deblaim, e ela concebeu e deu à luz, para ele, um filho. 4 Disse-lhe o SENHOR: “Dá-lhe o nome de ‘Jezrael’, porque ainda um pouco e castigarei a casa de Jeú pelo sangue de Jezrael e farei cessar o reinado da casa de Israel! 5 E acontecerá naquele dia que quebrarei o arco de Israel no vale de Jezrael”.

6 Ela concebeu novamente e deu à luz uma filha. Ele lhe disse: “Dá-lhe o nome de ‘Aquelá de quem não se tem

1,1 O profeta, oriundo do reino do norte, exerceu seu ministério na segunda metade do século VIII a.C.

1,2-9 Cultuar Baal é trair o amor ao Senhor; é como uma prostituição (Os 2,7.10). Os nomes simbólicos dos filhos mostram a punição progressiva que o povo deve sofrer: a monarquia chegará ao fim (v. 4), Deus não mais terá misericórdia (v. 6), enfim, a relação salvífica

com o Senhor será desfeita (v. 9). Em Jezrael, Jeú assassinara o rei Acab, tornando-se rei de forma violenta (2Rs 9,15-10,14). A misericórdia de Deus, que poderia manter o povo em vida (Os 11,8-9), será revogada. No nome do terceiro filho anuncia-se a anulação da aliança. Pela infidelidade de Israel, o Senhor, o “Eu sou” (Ex 3,14), se tornará para o povo o “Eu não sou”.

misericórdia, porque não continuarei mais a ter misericórdia da casa de Israel para perdoá-los! <sup>7</sup>Mas da casa de Judá terei misericórdia e os salvarei pelo SENHOR seu Deus. Não os salvarei pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, por cavalos ou cavaleiros”.

<sup>8</sup>Ela desmamou “Aquele de quem não se tem misericórdia”, concebeu e deu à luz um filho. <sup>9</sup>Ele disse: “Dá-lhe o nome de ‘Não sois meu povo’, porque vós não sois meu povo e eu ‘Não sou’ para vós”!

## 2 Promessa de restauração

<sup>1</sup> Acontecerá que o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que não se pode medir nem contar. Acontecerá que, no lugar onde se lhes dizia: “Vós ‘não sois meu povo’”, se lhes dirá: “Filhos do Deus vivo”.

<sup>2</sup> Reunir-se-ão os filhos de Judá e os filhos de Israel, juntos; colocarão para si um único chefe e crescerão na terra.

Sim! Será grande o dia de Jezrael!

<sup>3</sup> Dizei a vossos irmãos: “Meu povo”; e a vossas irmãs: “Aquele de quem se tem misericórdia”.

Separação, busca de reconciliação, novas núpcias

<sup>4</sup> Processai vossa mãe, processai, pois ela não é minha esposa e eu não sou seu esposo!

Que ela tire suas prostituições

de sua face

e seus adultérios dentre seus seios!

<sup>5</sup> Do contrário, eu a desnudarei, deixá-la-ei como no dia em que nasceu,

torná-la-ei como um deserto, transformá-la-ei em uma terra árida, fá-la-ei morrer de sede.

<sup>6</sup> Não terei misericórdia de seus filhos, pois são filhos de prostituição.

<sup>7</sup> Sim, sua mãe se prostituiu, desonrou-se aquela que os concebeu, pois dizia:

“Irei atrás de meus amantes, aqueles que me dão meu pão e minha água, minha lã e meu linho, meu óleo e minhas bebidas”.

<sup>8</sup> Por isso, eis que eu cercarei teu caminho com espinhos.

Levantarei em torno dela uma cerca, e ela não encontrará suas veredas.

<sup>9</sup> Perseguirá seus amantes, mas não os alcançará, buscá-los-á, mas não os encontrará.

Dirá, então: “Irei e voltarei a meu primeiro marido, pois para mim melhor era aquele tempo do que agora”.

<sup>10</sup> Mas ela não reconheceu que eu lhe dava o trigo, o mosto, o óleo, multiplicava-lhe a prata e o ouro: eles os usavam para Baal!

<sup>11</sup> Por isso, voltarei atrás e tomarei meu trigo, em seu tempo, e meu mosto, em sua estação.

Tirarei minha lã e meu linho, que cobriam sua nudez.

<sup>12</sup> Agora, descobrirei sua vergonha aos olhos de seus amantes, e ninguém a tirará de minha mão.

<sup>13</sup> Farei cessar todas as suas delícias, suas festas, suas luas novas, seus sábados e todas as suas solenidades.

**2,1-3** Deus promete para o futuro uma nova situação, realizando as promessas feitas a Abraão (Gn 22,17; 32,13). Os nomes dos filhos (Os 1,4.6.9) são transformados em bênção. Israel e Judá voltarão a ser um reino unido, habitando em sua terra (Os 2,25).

**2,4-25** O Senhor procura trazer Israel de volta à fidelidade. Passa-se continuamente do simbolismo (matrimônio do profeta) à realidade (a infidelidade do povo ao Senhor). Deus se separa do povo, apresentado com os adornos de uma meretriz (v. 4). Como uma esposa infiel é desnudada em público (Ez 16,37-39), o país será *desnudado* por uma seca (v. 5). Então

ficará claro que os bens da terra não provêm de Baal (vv. 6-7). Duas tentativas de trazer a esposa de volta falham (vv. 8-10.11-15). Somente a terceira, marcada pelo contato pessoal, terá sucesso (v. 16). Haverá, então, uma nova posse da terra, e a punição dará lugar à esperança (v. 17; Js 7,24-26). Deus, que se lamentara como um esposo traído (v. 15), realizará novas núpcias com sua esposa convertida (vv. 18-19), trazendo-lhe seus dons (vv. 21-22). A natureza será pacificada (vv. 20.23-24), e Israel viverá em sua terra (Jezrael significa “Deus semeia”). A misericórdia de Deus se manifestará, e a aliança será reatada (v. 25).

# Novo Testamento





# INTRODUÇÃO AO Novo Testamento

*Testamento* (em latim *testamentum*) é sinônimo da palavra *aliança* (em grego *diathékē*), a qual encontra suas raízes em Jr 31,31-34, uma passagem que influenciou o cristianismo das origens. Neste, a expressão *nova aliança* é usada para indicar o novo pacto que Deus estabeleceu por intermédio de Jesus (Lc 22,20; 1Cor 11,25; 2Cor 3,6; Hb 8,8-13; 9,15; 12,24). A transferência dessa terminologia para um conjunto de escritos nascidos depois da ressurreição de Jesus foi quase natural, dado o uso que Paulo faz da expressão *antiga aliança* para referir-se aos escritos da aliança mosaica (2Cor 3,14).

Orígenes (185-253) confirma esse uso em uma de suas obras: “Assumimos como prova de nossas considerações os testemunhos daqueles que são estimados por nós como escritos divinos, ou seja, daquilo que é chamado de Antigo Testamento e daquilo que é chamado de Novo Testamento” (*Dos princípios IV 1,1*).

Lúcio Lactânio (250-325), escritor eclesiástico latino, afirma: “Toda a Escritura está dividida em dois Testamentos. Aquele que precede o advento e a paixão de Cristo – ou seja, a Lei e os Profetas – é chamado de Antigo; e as coisas escritas depois de sua ressurreição são denominadas de Novo Testamento. Os judeus fazem uso do Antigo; nós, do Novo. Contudo, eles não são discordantes, pois o Novo é o cumprimento do Antigo, e em ambos está o mesmo testador” (*Instituições divinas 4,20*).

## História e canonicidade

No período que vai, aproximadamente, de 50 a 150, um número de documentos começa a circular entre as comunidades cristãs espalhadas pelo Império Romano. Eles incluem epístolas, evangelhos, memórias, profecias, homilias e coleções de ensinamentos. Alguns deles eram considerados apostólicos, enquanto outros, inspirados na tradição dos

apóstolos e dos primeiros propagadores da mensagem cristã. Muitos deles procuravam ampliar, interpretar e aplicar o ensinamento apostólico para ir ao encontro das necessidades dos cristãos nas diversas localidades.

Em um momento dessa história, o cristianismo sentiu a necessidade de decidir quais, dentre todos os escritos existentes, podiam ser considerados inspirados por Deus, portadores de uma doutrina que remontava a Jesus e aos apóstolos, e, portanto, com caráter normativo para a fé. Com critérios definidos (ortodoxia, coerência, tradição), foi possível fazer um *cânon*. Os demais escritos foram chamados de apócrifos, ou seja, não recomendados para a leitura pública na igreja.

Somente a partir do século V foram aceitos no Ocidente os vinte e sete escritos que compõem o Novo Testamento. O Sínodo de Cartago (419) se expressa: “Parece-nos bom que, fora das Escrituras canônicas, nada deva ser lido na igreja sob o nome ‘Divinas Escrituras’. E as Escrituras canônicas são as seguintes: [segue a lista conhecida]. Isso se fará saber também a nosso santo irmão e sacerdote Bonifácio, bispo da cidade de Roma, e a outros bispos daquela região, para que esse cânon seja confirmado, pois foi isso que recebemos dos Padres como lícito para ler na igreja”. As igrejas de língua grega reconhecem oficialmente o mesmo cânon no século XII.

## Língua e manuscritos

Todos os vinte e sete livros canônicos foram escritos em grego, que era a língua vigente na bacia mediterrânea desde a época de Alexandre Magno (356-323 a.C.). Tratava-se de um grego popular denominado coíné, que a maioria dos leitores e ouvintes conhecia. Ainda que Jesus e seus primeiros discípulos falassem aramaico, os Evangelhos trazem suas palavras em grego. Isso mostra o primeiro trabalho de tradução da mensagem de Jesus.

Essa semelhança na linguagem, contudo, não deve levar a concluir que haja uma homogeneidade de pensamento. De fato, por trás das palavras gregas deve ser considerada a herança cultural de seus escritores, conforme se comprova na leitura de obras tão diferentes como Mateus, Hebreus e Apocalipse.

Como outros escritos da Antiguidade, o Novo Testamento foi preservado e transmitido em manuscritos. Dos mais antigos, especificamente papiros, existem somente fragmentos que remontam ao século II. Por causa da expansão do cristianismo, houve esforços por realizar cópias em materiais mais resistentes, como o pergaminho (couro). Isso permitiu que os manuscritos sobrevivessem cada vez mais ao tempo. Os manuscritos completos mais antigos de que se dispõe hoje são os códices pergaminhos Sinaítico e Vaticano, datados do século IV.

### Ordem dos textos

Os escritos do Novo Testamento não estão dispostos na ordem em que foram escritos. Após inúmeras mudanças ao longo do tempo, a ordem atual mescla critérios cronológicos e temáticos: a vida de Jesus (Evangelhos) precede a história da primeira igreja (Atos); as diversas Epístolas ou Cartas refletem a vida das primeiras comunidades de fé; e o Apocalipse fecha a lista com uma grande visão de um futuro definitivo.

Essa ordem – uma das sete que circulavam na igreja antiga – é a que foi citada no Sínodo de Cartago (419) e adotada pelo Concílio de Trento (1545-1563). Hoje ela é aceita pela grande maioria das igrejas cristãs.

### A revelação em Jesus Cristo

“Muitas vezes e de muitas formas, Deus falou a nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos pelo Filho” (Hb 1,1-2a).

Deus quer e pode comunicar-se com as pessoas de todos os tempos. Sua iniciativa encontra homens e mulheres que experimentam sua atuação nos acontecimentos da história, os quais são capazes de interpretá-la e transmiti-la em linguagem humana.

Na qualidade de Escritura Sagrada, o Novo Testamento se apresenta como um conjunto de testemunhos dessa revelação de Deus na história que, em Jesus, a *Palavra que se fez carne*, alcança sua máxima expressão. Esses testemunhos tornam possível que essa revelação seja manifestada ainda hoje, pedindo uma resposta por parte do leitor. Com efeito, seu potencial revelador se atualiza quando age como meio de encontro com Deus e com seu projeto manifestado plenamente em Jesus. Porque, como diz João: “Estes foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20,31).

### Citações do Antigo Testamento

O *itálico* na tradução indica os textos do Antigo Testamento citados no Novo Testamento

ex: Mt 1,23, que cita a versão grega de Is 7,14; 8,8.10: “*A virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamarão pelo nome de Emanuel*”

### Referências e paralelos

As referências no final da página indicam textos bíblicos afins

ex: Mt 2,2; Nm 24,17: Mateus 2,2 remete a Números 24,17

As citações acompanhadas por duas barras verticais (||) marcam os paralelos sinóticos

ex: Mt 1,18-25: || Lc 2,1-7

Jo 1,40-42: Mt 4,18-20 ||

Obs.: quando a citação é seguida de (LXX), refere-se à versão grega do Antigo Testamento, a Septuaginta.

# Mateus

## INTRODUÇÃO

**Origem do Evangelho** Como o autor não se revela dentro da narrativa, muitas são as tentativas de identificá-lo com um dos apóstolos que estavam com Jesus, ou seja, o coletor de impostos Mateus (Mt 9,9), que seria o mesmo Levi de Alfeu citado por Marcos (Mc 2,14). Ainda que esse apóstolo tenha participado da fundação de uma comunidade eclesial, no âmbito da qual este Evangelho teve origem, o autor parece identificar-se com um escriba hábil a serviço do Reino de Deus, capaz de refletir sobre a novidade trazida por Jesus ao judaísmo existente no primeiro século (Mt 13,52; 23,34).

Entre os escritores eclesiásticos, Inácio – bispo e mártir de Antioquia († 107) – é o primeiro autor a utilizar material próprio de Mateus na redação de algumas de suas cartas (Esmirna 1,1; Policarpo 2,2; Efésios 19,2-3). Eusébio de Cesareia, em sua obra *História Eclesiástica*, escrita no século IV, informa que o bispo de Hierápolis, Papias (aproximadamente 125), cita Mateus como sendo o autor de uma coleção de ditos hebraicos/aramaicos de Jesus. Ireneu, bispo de Lião (aproximadamente 180), fala de Mateus como o autor do Evangelho dos Hebreus. Este mesmo Padre da Igreja testemunha que, no final do século II, o evangelho grego de Mateus estava disponível e era aceito como autorizado. A esses testemunhos externos deve-se acrescentar a referência “segundo Mateus” que vários manuscritos antigos da obra – entre os quais o códice Sinaitico e o códice Vaticano – trazem a modo de título.

A maioria dos estudiosos considera que o Evangelho segundo Mateus procede de Antioquia, capital da província romana da Síria (hoje na Turquia), a terceira cidade do Império, atrás em importância somente de Roma e Alexandria. Segundo os Atos dos Apóstolos, a igreja dessa cidade havia sido formada por cristãos oriundos do judaísmo que tinham escapado da primeira perseguição acontecida depois do martírio de Estêvão (At 11,19-21). Sendo assim, o ambiente helenista da cidade teria influenciado a formação de uma comunidade mista,

de mediação e síntese entre membros de culturas diferentes. De fato, Mateus consegue sintetizar tradições judaicas muito particulares (Mt 10,36; 15,24) com outras universalistas (Mt 28,16-20); tradições judaicas estritamente legalistas (Mt 5,18-19) com outras mais críticas da Lei (Mt 5,31s.38s; 12,1-8).

A data de redação do Evangelho segundo Mateus situa-se entre os anos 80 e 90.

**Estrutura do Evangelho** Diante de uma obra de tamanha extensão, o leitor gostaria de ter uma visão básica do texto para não se perder em seu caminho de leitura e reflexão. O Evangelho segundo Mateus deixou no texto algumas *marcas* de leitura.

(1) Primeiramente, podem-se comprovar duas repetições que acontecem em lugares importantes da narrativa. Em Mt 4,17, depois da prisão de João Batista, Mateus anuncia o início do ministério público de Jesus (“A partir desse momento, Jesus começou a proclamar...”). Em Mt 16,21, depois de Pedro confessar que Jesus é o Messias, Mateus indica as consequências do messianismo de Jesus (“A partir desse momento, Jesus começou a explicar a seus discípulos que era necessário ir a Jerusalém...”).

(2) Também é evidente a intencionalidade da fórmula que marca o final dos cinco grandes discursos deste Evangelho: “Quando Jesus terminou [o ensinamento]” (Mt 7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1). Essas indicações claras permitem ver o fluxo de todo o Evangelho como uma alternância de ações e discursos, relacionados entre si por vocabulário e temáticas comuns.

Com base nesses indicadores textuais e nos elementos geográficos que demarcam o ministério de Jesus, propõe-se a seguinte estrutura:

### 1,1–4,11 Início do evangelho de Jesus

1–2 *Genealogia e infância de Jesus*

3,1–4,11 *Preparação para a missão de Jesus*

### 4,12–18,35 Jesus na Galileia

4,25–8,1 *Discurso sobre o Reino de Deus*

8,2–9,38 *Autoridade de Jesus e discipulado*

10,1–11,1 *Discurso missionário*

- 11,2–12,50 *Adeção e oposição à mensagem de Jesus*  
 13,1–52 Discurso em parábolas  
 13,53–17,27 *Feitos de Jesus, discipulado e glória*  
 18,1–18,35 Discurso comunitário  
**19,1–20,34 Jesus a caminho de Jerusalém**  
**21,1–28,15 Jesus em Jerusalém**  
 21,23–24,2 *Confronto com as autoridades religiosas*  
 24,3–26,1 Discurso escatológico  
 26,2–28,15 *Paixão, morte e ressurreição de Jesus*  
**28,16–20 Início da missão universal**

### Temas do Evangelho

**Jesus Cristo** Embora Jesus seja a principal personagem do Evangelho, Deus é a força principal que age por detrás da narrativa e do mundo imaginado por Mateus. Com efeito, a maioria das ações e objetivos das personagens – individuais ou coletivas – se relaciona, positiva ou negativamente, com os planos e ações de Deus.

O primeiro título aplicado a Jesus é o de *Cristo* (Mt 1,1), relacionando Jesus à história e às esperanças de Israel. No entanto, a noção cristã de um Messias humilhado, sofredor e crucificado era totalmente estranha ao judaísmo do tempo de Jesus. Até mesmo o precursor, João Batista, tinha dúvidas sobre essa identidade (Mt 11,2s); mas, por intermédio de revelação divina, Pedro a afirma com força (Mt 16,16). O próprio Jesus reafirma seus vínculos messiânicos davídicos no confronto com os líderes religiosos de Jerusalém (Mt 22,41s) e diante do Sinédrio (Mt 26,63s). E, mesmo sofrendo a morte de cruz, o Messias Jesus é ressuscitado e recebe toda a autoridade (Mt 28,18).

Quando batizado, Jesus é aprovado como o amado *Filho de Deus* e provido com o Espírito para sua missão (Mt 3,17). Ele mostra seu caráter de filho na submissão à vontade do Pai (Mt 4,3,6). O Filho é o único caminho para conhecer o Pai (Mt 11,27). Pedro, em sua confissão, realiza a relação exata entre o messianismo e a filiação de Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente” (Mt 16,16). E até mesmo os soldados romanos, no momento da crucificação, aderem a essa convicção (Mt 27,40.43.54).

Para Mateus, Jesus também é o *Filho de Davi* (Mt 1,1). A linhagem davídica de Jesus é enfatizada na narrativa da infância (Mt 1,6.17.20). No relato, esse título aparece nos lábios daqueles que procuram ser curados por Jesus (Mt 9,27; 15,22; 20,30s), o qual, diferentemente

dos soberanos, exerce sua autoridade régia não para oprimir, mas sim para socorrer os necessitados. As multidões o aclamam como tal em sua entrada em Jerusalém (Mt 21,9), e isso será causa de indignação por parte dos líderes contra Jesus (Mt 21,15).

A convicção de ver a presença de Deus na pessoa de Jesus faz com que Mateus o apresente como *Emanuel* (Deus-conosco). No início da narrativa (Mt 1,23), Mateus desenvolve esse conceito a partir do texto de Is 7,14, e no final valendo-se da promessa que Jesus realiza a seus discípulos de estar com eles até o fim dos tempos (Mt 28,20).

Mateus utiliza outros títulos para descrever a multifacetada personalidade de Jesus: *Filho do Homem* (trinta vezes); *pastor* (Mt 2,6; 9,36; 26,31); *noivo* (Mt 9,15; 25,1); *servo* (Mt 12,18); *profeta* (Mt 13,57; 16,14; 21,11); *pedra angular* (Mt 21,42–44); *mestre* (Mt 8,19; 12,38; 19,16); *rabi* (Mt 26,25.49); *Senhor* (Mt 7,21s; 8,2; 15,22; 20,30s).

**O Reino dos Céus** O *Reino dos Céus* é sem dúvida o centro da mensagem de Jesus em Mateus. A expressão é própria deste evangelista e reflete a concepção da terra como morada da humanidade e dos céus como morada de Deus e seus anjos: é dali que Deus exerce sua realeza. Ela ocorre trinta e duas vezes na narrativa, enquanto a expressão mais comum, *Reino de Deus*, somente quatro vezes (Mt 12,28; 19,24; 21,31.43). Esse reino está no coração das proclamações de João Batista, de Jesus e da comunidade (Mt 3,2; 4,17; 10,7; 13,19; 24,14). As ações prodigiosas de Jesus demonstram a autoridade desse reino (Mt 4,23–25; 8,9–13; 9,6–8; 12,28; 20,30–34); seu ensinamento sobre os valores éticos dos discípulos caracteriza esse reino (Mt 5,3.10.19.20; 6,10.33; 7,21); suas parábolas descrevem a ação do reino como história redentora (Mt 13,11.19.24.31.33.38.43–45.47.52; 18,23; 22,2; 25,1); e, na qualidade de rei, ele julgará o mundo (Mt 25,34.40).

A palavra traduzida por *reino* (em hebraico “*malkut*”, em grego “*basiléia*”) conota um poder dinâmico, ou seja, reinado/realeza, mais do que um domínio geográfico concreto, embora os dois conceitos não possam ser separados. De fato, João Batista, Jesus e os discípulos anunciam a alvorada do reino (Mt 3,2; 4,17; 10,7). Diante de sua presença, a pessoa deve assumir uma atitude ativa de busca, porque o sentido mais profundo da vida humana consiste em poder *entrar no reino* (Mt 5,20; 7,21; 19,23s; 21,31.43) e participar de seu banquete (Mt 8,11). O poder régio de Deus está dinamicamente presente nas

# Atos

## DOS APÓSTOLOS

At

### INTRODUÇÃO

O livro dos Atos dos Apóstolos é uma ponte entre os evangelhos e o corpo das diversas epístolas. Ele proporciona uma narração dos passos que a mensagem cristã teve de fazer para expandir-se desde o mundo palestino rural de Jesus ao mundo urbano das cidades do Império Romano.

A narrativa se centraliza na atividade de alguns apóstolos de Jesus – especialmente Pedro e João – e de outras personagens que ajudam na tarefa de evangelização –, com grande destaque para Paulo.

**Autoria e data** O livro não indica nenhum autor, mas muitos indícios internos (linguagem, estilo e interesses teológicos), somados à tradição eclesial posterior, levam a afirmar que se trata do mesmo autor do Evangelho segundo Lucas (ver *Introdução* a Lucas).

O livro dos Atos supõe que seus leitores – representados em Teófilo – têm conhecimento básico da história evangélica (At 1,1), e muitas de suas cenas pressupõem personagens ou temas teológicos já tratados no Evangelho. Isso situaria a data da escrita em torno do ano 90.

**Estrutura dos Atos** O livro apresenta-se como uma narração episódica com poucos comentários do autor e cronologia simples. É notável a quantidade de discursos: em At 1–12 prevalecem os de Pedro (sete no total), e em At 13–28, os de Paulo (onze no total); At 7 traz o discurso de Estêvão, o maior de todos.

O relato flui sem interrupções. Ele não está estruturado, como as narrativas modernas, em termos de capítulos ou seções, mas no primeiro capítulo (At 1,8) encontra-se uma espécie de guia de leitura para a obra, quando Jesus ressuscitado estabelece a missão de seus seguidores: após terem recebido o Espírito Santo, eles devem ser testemunhas de Jesus, começando em Jerusalém e indo até os confins do mundo habitado.

Os seguintes títulos indicam, em termos gerais, esse movimento narrativo:

1,1-14 Introdução

1,15–8,4 Igreja em Jerusalém

8,5–12,25 Expansão da igreja na Judeia e Samaria

13,1–14,28 Viagem missionária de Barnabé e Paulo

15,1-35 Assembleia de Jerusalém

15,36–18,22 Viagem missionária de Paulo

18,23–21,16 Última viagem missionária de Paulo

21,17–23,35 Prisão e processo de Paulo em Jerusalém

24,1–26,32 Processo de Paulo em Cesareia

27,1–28,31 Viagem de Paulo a Roma

**Gênero e temáticas principais** Não é fácil situar o livro dos Atos entre os gêneros literários conhecidos da época. No intuito de narrar o desenvolvimento da comunidade cristã, o autor consegue realizar uma junção de vários gêneros: história (relato do nascimento e primeira expansão da igreja), biografia (detalhes da vida de algumas personagens importantes da igreja nascente), novela (sobretudo nas cenas dramáticas) e apologia (discursos explicitamente apologéticos diante de audiências judaicas e gentias).

Com o Evangelho segundo Lucas, o livro dos Atos compartilha algumas das temáticas consideradas importantes para seu autor. Podem-se destacar as seguintes:

A ênfase nas origens judaicas do cristianismo, seu cumprimento das Escrituras e sua continuidade com o judaísmo.

O retrato de Jesus como profeta judeu rejeitado por seu próprio povo.

O movimento consequente do evangelho aos gentios, deslocando-se geograficamente da cidade de Jerusalém até os confins da terra.

A proclamação, tanto a judeus como a gentios, da mensagem de salvação por intermédio do arrependimento dos pecados e do perdão de Deus.

O interesse de que os gentios que abraçam a fé cristã não necessitam adotar todos os costumes judaicos.

A completa unidade e harmonia da igreja guiada pelos apóstolos, os quais procuram

solucionar todos os problemas com a ajuda do Espírito Santo.

A mão de Deus que dirige o curso da história cristã nos bastidores, desde a própria vida e morte de Jesus até a vida e ministério de seus apóstolos.

Com uma leitura atenta dos Atos dos Apóstolos, o leitor cristão, o novo Teófilo, pode

acompanhar a expansão da Palavra de Deus, *de Jerusalém aos confins da terra*. Ela se realiza por intermédio das comunidades de discípulos guiados pelo Espírito Santo, os quais dão testemunho de Jesus segundo a experiência da fraternidade. Esse é o processo de evangelização que Lucas acredita ser válido para todas as gerações.

At



## INTRODUÇÃO

**1** Prólogo <sup>1</sup>Escrevi meu relato anterior, Teófilo, a respeito de tudo o que Jesus fez e ensinou desde o começo <sup>2</sup>até o dia em que, depois de ter instruído os apóstolos que tinha escolhido por intermédio do Espírito Santo, foi arrebatado. <sup>3</sup>Também a estes, depois de sua paixão, apresentou-se vivo com muitas provas convincentes, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando a respeito do Reino de Deus.

Promessa do Espírito e ascensão de Jesus <sup>4</sup>Estando à mesa com eles, ordenou-lhes: “Não vos afasteis de Jerusalém, mas esperai a promessa do Pai que de mim ouvistes! <sup>5</sup>João batizou com água, mas vós, dentro de não muitos dias, sereis batizados com o Espírito Santo”.

<sup>6</sup>Então os que estavam reunidos lhe perguntavam: “Senhor, é neste tempo que restaurarás o reino para Israel?” <sup>7</sup>Ele, porém, lhes disse: “Não compete a vós conhecer os tempos nem momentos

que o Pai estabeleceu com sua própria autoridade. <sup>8</sup>Mas recebereis uma força, quando o Espírito Santo descer sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra”. <sup>9</sup>Tendo dito isso, foi elevado enquanto eles olhavam, e uma nuvem o retirou dos olhos deles. <sup>10</sup>Como eles olhassem atentamente para o céu, enquanto ele ia embora, eis que dois homens com vestes brancas apresentaram-se a eles <sup>11</sup>e disseram: “Homens galileus, por que estais parados olhando para o céu? Este Jesus, que vos foi arrebatado para o céu, virá assim, do mesmo modo que o vistes partir para o céu”.

<sup>12</sup>Então eles regressaram para Jerusalém do monte chamado “das Oliveiras”, que está perto de Jerusalém, à distância do caminho de um sábado. <sup>13</sup>Quando entraram na cidade, subiram à sala superior onde estavam instalados. Eram Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago de Alfeu, Simão, o zelote, e Judas de Tiago. <sup>14</sup>Todos eles eram

**1,1-3** Os versículos 1-2 conectam este livro ao Evangelho segundo Lucas – o primeiro relato dedicado à vida de Jesus, entendida como ação e ensino – e renovam a dedicação ao mesmo destinatário, *Teófilo* (v. 1; Lc 1,3). A linguagem para falar da ascensão de Jesus (*foi arrebatado*) relembra passagens em que Deus toma o justo e o leva diretamente aos céus (2Rs 2,9-11 [LXX]; 1Mc 2,58; Eclo 48,9; 49,14). As aparições de Jesus depois da ressurreição (Lc 24,13-49) permitem que ele continue instruindo os apóstolos a respeito do *Reino de Deus*, que deverá ser testemunhado na missão dos apóstolos.

**1,4-14** A *promessa do Pai* (v. 4) é uma alusão ao Espírito Santo (Lc 24,49). Enquanto o batismo de *João* (v. 5)

preparava para o tempo final, o dom do Espírito é o sinal de que o Messias veio e de que uma nova era começou (Lc 3,6.16; At 2,4.16-39). A questão levantada pelos apóstolos (v. 6) é natural para quem abraça a esperança messiânica em termos nacionalistas (Lc 1,69-74; 2,25.38). A resposta de Jesus (vv. 7-8) é clara: não é competência humana conhecer nenhum dos momentos determinados pela vontade soberana do Pai; antes do tempo final, os apóstolos devem viver em permanente missão, ou seja, sendo *testemunhas* (v. 8) de sua fé em Jesus, começando em Jerusalém; a missão é um projeto a ser desenvolvido gradualmente, seja do ponto de vista geográfico (de Jerusalém até os confins do Império Romano), seja do ponto de

**1,1:** Lc 1,3 **1,2:** Mc 16,19; Lc 24,49-51 **1,3:** Lc 24,36-42.46-49; Jo 20,19-23.26s **1,4:** Lc 24,49; Jo 14,16s; 15,26; At 2,33 **1,5:** Mt 3,11; Mc 1,8; Lc 3,16; Jo 1,33 **1,6:** Lc 24,21 **1,7:** Mc 13,32 **1,8:** Lc 24,48; Jo 15,27; At 2,32; 3,15; 5,32; Ef 3,16 **1,9:** Mc 16,19; Jo 6,62 **1,10:** Lc 24,4 **1,11:** Mt 26,64; Lc 21,27; Ap 1,7 **1,12:** Lc 24,50-52 **1,13:** Mt 10,2-4; Mc 3,16-19; Lc 6,14-16

unanimemente perseverantes na oração, com algumas mulheres, Maria, a mãe de Jesus, e os irmãos dele.

### IGREJA EM JERUSALÉM

Substituição de Judas 15 Naqueles dias, Pedro se levantou no meio dos irmãos – a multidão de pessoas, como grupo, era de aproximadamente cento e vinte – e disse: 16 “Irmãos, era necessário que se cumprisse a Escritura, na qual, pela boca de Davi, o Espírito Santo tinha predito a respeito de Judas, que se tornou o guia dos que prenderam Jesus. 17 Ele era contado entre nós e recebeu a parte neste serviço.

18 Ora, este comprou um campo com o salário da injustiça e, tendo caído de cabeça, arrebentou-se pelo meio, e todas as suas entranhas se esparramaram. 19 Isso se tornou conhecido de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que aquele campo, na língua deles, foi chamado ‘Hacéldama’, quer dizer, ‘campo de Sangue’.

20 Com efeito, está escrito no livro dos Salmos:

*‘Fique deserta sua morada,  
e não haja quem nela habite!’*

E ainda:

*‘Que outro ocupe seu cargo!’*

21 É necessário, portanto, que um dos homens que nos acompanharam durante

todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, 22 a partir do batismo de João até o dia em que ele foi arrebatado de nós, um deles se torne conosco testemunha de sua ressurreição”.

23 Propuseram dois: José, chamado Barsabás, que tinha o apelido de “Justo”, e Matias. 24 E, então, rezaram: “Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, mostranos claramente qual destes dois escolheste 25 para ocupar o lugar deste serviço apostólico, que Judas abandonou para ir ao lugar que lhe correspondia!” 26 Tiraram a sorte entre si; a sorte caiu sobre Matias, e ele foi associado aos Onze apóstolos.

**2** Irupção do Espírito Santo 1 Quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos eles reunidos como grupo. 2 De repente, veio do céu um ruído, como o de uma rajada de vento impetuoso, e encheu toda a casa onde se encontravam. 3 Apareceram-lhes línguas como de fogo que, repartindo-se, pousaram sobre cada um deles. 4 Todos ficaram plenos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes permitia expressarem-se.

5 Ora, estavam morando em Jerusalém judeus, homens piedosos de todas as nações que há debaixo do céu. 6 Quando aconteceu esse rumor, a multidão se

vista étnico (do judaísmo até os gentios). A *nuvem* (v. 9) é um sinal da glória divina (Ex 16,10; Sl 104,3; Lc 9,34-35) e da presença divina (1Ts 4,17). A cor branca das *vestes* (v. 10) indica o caráter glorioso dos mensageiros (Lc 24,4; At 10,30). O *caminho de um sábado* (v. 12) indica o espaço que era permitido caminhar no sábado a um judeu observante, regulado por Ex 16,29 e Nm 35,5. Entre os *irmãos* de Jesus (v. 14), Tiago será citado como líder da igreja de Jerusalém (At 12,17; 15,13; 21,18).

1,15-26 O número *cento e vinte* (v. 15) parece aludir à quantidade de pessoas necessárias para a validade de um Conselho local judeu (mixná Sanhedrin 1,6). A expressão grega traduzida *como grupo* (v. 15) indica a unidade em torno de um mesmo propósito (At 1,15; 2,1.44.47; 4,26). A primeira parte do discurso (vv. 16-17), expositiva, expressa a convicção de que o acontecido com Judas e Jesus era inevitável (*era necessário*), mas que faz parte de um plano divino, já presente no Antigo Testamento. Com uma pausa no discurso (vv. 18-19),

lembra-se o fim trágico de Judas, que difere de Mt 27,3-10. Os salmos citados por Pedro (v. 20), nos quais o justo amaldiçoa os ímpios e inimigos de Deus (Sl 69,26; 109,8), são interpretados como profecia a ser cumprida. Na segunda parte do discurso (vv. 21-22), Pedro considera que faz parte do plano divino (*é necessário*) a reconstituição do grupo apostólico. A ação de *tirar a sorte* (v. 26) pode significar “votar” (Lv 16,7-10; 1Cr 25,8; Ne 10,34; Est 3,7; Is 34,17).

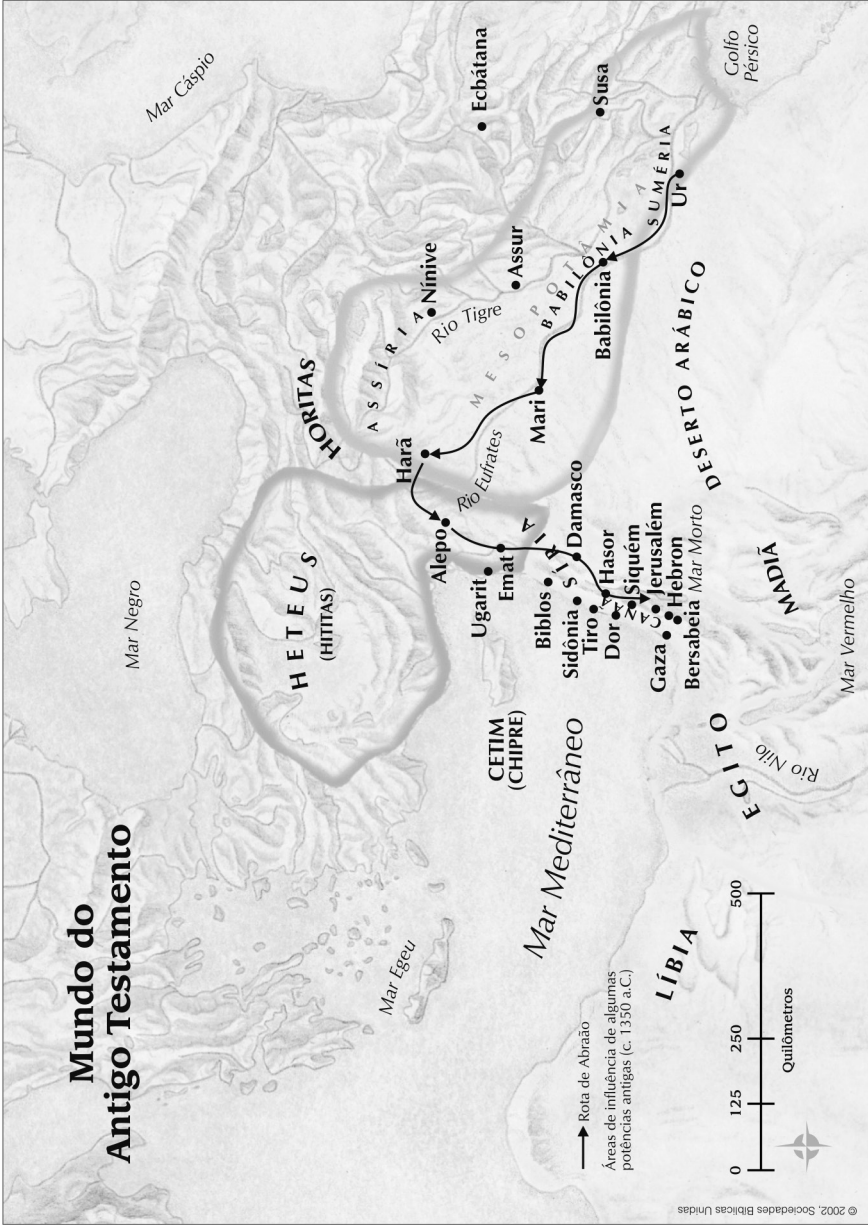
2,1-13 *Pentecostes* é uma festa anual de peregrinação a Jerusalém, que acontece cinquenta dias após a Páscoa (Lv 23,15-16); é conhecida também como “festa das Semanas” (Ex 34,22; Dt 16,10) e como “festa da Colheita” (Ex 23,16). O *fogo* (v. 3) escatológico com que João ameaçava seus ouvintes (Lc 3,9.17) torna-se fogo simbólico que inspira a pregação dos presentes. As *línguas* (v. 4) referem-se a idiomas diferentes do aramaico (vv. 6.8). O Espírito torna possível que o grupo apostólico comece a desenvolver uma missão pedida por Jesus (At 1,8). Os quinze povos citados

1,16: Sl 41,9 1,18: Mt 27,3-8 1,20: Sl 69,26; 109,8 1,21-22: Lc 1,2; Jo 15,27 1,22: Mt 3,13-15; Mc 1,9; 16,19; Lc 3,21  
1,24: Jo 2,24s 1,26: Pr 16,33 2,1: Lv 23,15-21; Dt 16,9-11 2,3-4: Mt 3,11; Lc 3,16 2,4: Mc 16,17; At 4,31; 10,44-46; 19,6

MAPAS



# Mundo do Antigo Testamento



LEITURA  
ORANTE



# LEITURA ORANTE

## A mística que deve animar a leitura orante da Bíblia\*

### 1. “Faça-se em mim segundo tua palavra”

Ao iniciar a Leitura Orante da Bíblia, você não vai estudar; não vai ler a Bíblia para aumentar conhecimentos nem preparar algum trabalho apostólico; não vai ler para ter experiências extraordinárias. Vai ler a Palavra de Deus para escutar o que Deus tem a lhe dizer, para conhecer a vontade Dele e viver melhor o Evangelho de Jesus Cristo. Em você devem estar presentes a pobreza e a disposição que o velho Eli recomendou a Samuel: “Fala, que teu servo escuta!” (1Sm 3,10). Deve existir a mesma atitude obediente de Maria: “Faça-se em mim segundo tua palavra” (Lc 1,38).

### 2. Pedir o Espírito Santo. “Pedi e recebereis”

Poder escutar Deus não depende de você nem do esforço que você fará, mas só e unicamente de Deus, da decisão gratuita e soberana dele de entrar em contato com você e de fazer com que você possa ouvir a voz dele. O ponto de partida da Leitura Orante deve ser a humildade: saber recolher-se à sua própria insignificância e dignidade. Para isso, é necessário que você se prepare, vigiando em oração, pedindo que Ele mande seu Espírito, pois, sem a ajuda do Espírito de Deus, não é possível descobrir o sentido que a Palavra de Deus tem para nós hoje (Lc 11,13; Jo 14,26; 16,13).

### 3. Criar um ambiente de recolhimento

É importante criar um ambiente adequado, que favoreça o recolhimento diante da Palavra de Deus. Ler a Bíblia é como conviver com um amigo. Os dois exigem o máximo de atenção, respeito, amizade, entrega e escuta atenta. Para isso, você deve aprender a cultivar o silêncio dentro de si, durante todo o tempo da Leitura Orante. Lembre-se: uma boa e digna posição do corpo favorece o recolhimento da mente.

### 4. Receber a Bíblia como livro da Igreja e da tradição da vida cristã

Ao abrir a Bíblia, você deve estar bem consciente de que está abrindo um livro que não

é seu, mas da comunidade. Fazendo a Leitura Orante, você está entrando no grande rio da Tradição da Igreja, que atravessa os séculos. A Leitura Orante é o barquinho que o carrega pelas curvas desse rio até o mar. O clarão luminoso que nos vem do mar já iluminou a noite escura de muita gente. Mesmo fazendo sozinho a Leitura Orante da Bíblia, você não se encontra só, mas está unido aos irmãos e às irmãs das várias comunidades religiosas e Igrejas que, antes de você, procuraram meditar dia e noite a lei do Senhor (Sl 1,3). São muitos! Estará unido até mesmo àqueles e àquelas que não sabem ler o texto escrito, mas sabem ler o texto da vida, dos acontecimentos, do rosto dos irmãos e das irmãs. Por isso, “permaneca naquilo que aprendeu e de que foi convencido, sabendo de quem aprendeu!” (2Tm 3,14).

### 5. Ter uma correta atitude interpretativa da Bíblia

A leitura atenta e proveitosa da Bíblia deve estar marcada, do começo ao fim, por uma atitude interpretativa que tem três passos básicos: leitura, meditação e oração. Os três passos, misturados entre si, formam a espinha dorsal da vida cristã e culminam na contemplação:

#### 1º Passo ou atitude –

*Leitura: conhecer, respeitar, situar*

Antes de tudo, você deve ter a preocupação de investigar: *O que o texto diz em si?* Isso exige silêncio. Dentro de você, tudo deve silenciar, para que nada o ou a impeça de escutar o que o texto tem a dizer e para que não aconteça de você levar o texto a dizer só aquilo que você gosta de escutar.

#### 2º Passo ou atitude –

*Meditação: ruminar, dialogar, atualizar*

Você também deve ter a preocupação de se perguntar: *O que o texto diz para mim, para nós?*

---

\**Leitura Orante da Bíblia*, publicado por Paulinas Editora, de autoria de Frei Carlos Mesters, oc, 6ª reimpressão, 2021.